



Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado em Educação

LUCINÉA PEREIRA DA SILVA

**PLANEAMENTO COMO FERRAMENTA EFICAZ NO DESENVOLVIMENTO
DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Universidade Fernando Pessoa,
Porto, 2018

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Lucinéa Pereira da Silva

**PLANEAMENTO COMO FERRAMENTA EFICAZ NO DESENVOLVIMENTO
DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Universidade Fernando Pessoa,
Porto, 2018

Lucinéa Pereira da Silva

**PLANEAMENTO COMO FERRAMENTA EFICAZ NO DESENVOLVIMENTO
DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Assinatura: _____

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob orientação Professora Doutora Ana Paula Antunes Alves.

Universidade Fernando Pessoa,
Porto 2018

RESUMO

No Brasil, o planejamento educacional foi objeto de muitas investigações ao longo dos anos, cada qual com o seu olhar e sua leitura sobre os elementos que o compõem e a sua organização no cenário educacional dos municípios. Essas diferentes concepções que o planejamento tem ocupado na estrutura da Educação é que tem trazido contributos a melhoria do ensino aprendizagem dos alunos. A presente investigação tem como objetivo compreender a importância do planejamento no cotidiano docente em uma determinada escola do Município de Camaçari. E como objetivos específicos: analisar como os professores avaliam o Planejamento Pedagógico no cotidiano de suas aulas; esclarecer os diferentes tipos de Planejamento para o contexto educacional; identificar como o planejamento poderá contribuir na produção de saberes dos educandos; verificar de que forma a Secretaria Municipal de Educação acompanha a construção e a realização do Planejamento Pedagógico das escolas; verificar a participação efetiva dos docentes na construção do Planejamento. Para tanto, foi usada a pesquisa mista, sendo ela tanto qualitativa quanto quantitativa, por meio de questionário semiestruturado. As principais conclusões deste estudo foram: Identificar que o planejamento é um dos mais importantes instrumentos na vida do professor, que independente de sua organização e concepção, ele se encontra presente no processo de ensino aprendizagem do aluno. Assim, com essas constatações que serão discutidas ao longo da nossa dissertação, será possível identificarmos a importância do planejamento para o sucesso das aprendizagens dos alunos.

Palavras-Chave: Planejamento Pedagógico. Ensino aprendizagem. Organização. Educação.

ABSTRACT

In Brazil, educational planning has been the object of many investigations over the years, each with its own look and its reading on the elements that compose it and its organization in the educational scenario of the municipalities. These different conceptions that the planning has occupied in the structure of the Education is that it has brought contributions to the improvement of the teaching-learning of the students. The present research aims to understand the importance of planning in the daily life of the teaching staff of the Municipality of Camaçari. And as specific objectives: to analyze how teachers evaluate Pedagogical Planning in the daily life of their classes; clarify the different types of planning for the educational context; identify how planning can contribute to the production of learners' knowledge; verify how the Municipal Department of Education accompanies the construction and implementation of Pedagogical Planning of schools; verify the effective participation of teachers in the construction of Planning. For that, the mixed research was used, being both qualitative and quantitative, through a semistructured questionnaire. The main conclusions of this study were: To identify that planning is one of the most important instruments in the life of the teacher, that independent of its organization and conception, it is present in the process of teaching student learning. Thus, with these findings that will be discussed throughout our dissertation, it will be possible to demonstrate that the planning in the life of the student will effect his success throughout his school career.

Keywords: Pedagogical Planning. Teaching. Organization. Education.

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos os educadores que, assim como eu, acreditam que ainda é possível existir uma Educação com qualidade e que através dela é possível transformar uma sociedade!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus pela minha vida, por me conduzir com sabedoria nesta caminhada chamada vida e na minha profissão de educadora que a cada dia se torna muito árdua na sociedade em que vivemos.

À minha orientadora, Prof. Doutora Ana Paula Antunes Alves, por ter me conduzido ao conhecimento.

À minha Mãe Maria José Ferreira da Silva, por me educar no caminho reto, contribuindo com a formação da minha personalidade e pelos ensinamentos de valores, os quais tenho grande apreço. Ela é a minha eterna guerreira!

À minha filha Leila Ribeiro, a qual sempre procurei mostrar os meus exemplos na busca de cada conquista.

Aos meus irmãos por fazerem parte positivamente da minha vida, durante toda essa trajetória, em especial ao meu irmão Evilásio Pereira da Silva (*in memórian*), o qual eu sei que onde ele estiver, estará comemorando comigo mais essa vitória.

Aos meus amigos de ontem e hoje que com certeza, me deram uma palavra de apoio e incentivo, que torcem para minha felicidade e crescimento em todas as vertentes.

Aos meus colegas de turma que, direta e indiretamente contribuíram significativamente na construção de saberes e que fortaleceram em mim o significado de grupo (União).

A todos os Mestres que cruzaram meu caminho, nesta trajetória de buscas e conquistas, socializando seus conhecimentos e experiências que tanto nos enriquecem e fortalecem, em especial aqueles que sempre acreditaram em mim e a todos desta conceituada instituição de ensino.

A todos, muito agradecida!

ÍNDICE

RESUMO.....	VI
ABSTRACT	VII
DEDICATÓRIA	VIII
AGRADECIMENTOS	IX
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XVI
LISTA DE ACRÓNIMO	XVI
LISTA DE SIGLAS.....	XVI
INTRODUÇÃO.....	- 17 -
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	- 21 -
CAPÍTULO I: O PLANEAMENTO PEDAGÓGICO E A ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO.....	- 22 -
1.1. Contexto Histórico	- 22 -
1.2. Planeamento, sua estrutura e organização	- 27 -
1.3 Diferentes concepções acerca do Planeamento	- 35 -
CAPÍTULO II: A ESCOLA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DOS SABERES.....	- 39 -
2.1. Contributos do Planeamento no processo de ensino aprendizagem.....	- 39 -
2.2. O coordenador pedagógico e a sua importância na construção do planeamento no acompanhamento das práticas educativas	- 42 -
2.3. A formação continuada como contributo para a melhoria do planeamento, práticas pedagógicas e construção dos saberes.....	- 45 -
2.4 O papel da Escola e Secretaria de Educação no acompanhamento e avaliação do planeamento.....	- 50 -
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	- 54 -
CAPÍTULO III: METODOLOGIA – MODOS DE PESQUISA.....	- 55 -
3.1 Objetivos gerais e específicos.....	- 55 -
3.1.1 <i>Objetivo geral</i>	- 55 -

3.1.2 <i>Objetivos Específicos:</i>	- 55 -
3.2 Metodologia da Investigação.....	- 55 -
3.3 Desenho Metodológico.....	- 57 -
3.4 Contexto Espacial e Socioeconómico da Pesquisa.....	- 58 -
3.5 Participantes	- 59 -
3.6 Técnicas utilizadas.....	- 61 -
3.6.1 <i>Obtenção de Informações</i>	- 61 -
3.7 Resultados.....	- 61 -
3.7.1 <i>Questionário elaborado</i>	- 61 -
3.7.2 <i>Respostas obtidas pelos Professores, a Coordenadora e o Diretor e</i>	
<i>Discussão dos Resultados</i>	- 61 -
3.8 Discussão dos resultados	- 77 -
4 Considerações Finais	- 80 -
5. REFERÊNCIAS	- 83 -
ANEXOS	- 88 -
ANEXO 01 – SOLICITAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO.....	- 88 -
ANEXO 02 -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	- 89 -
ANEXO 03 -DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO	- 91 -
ANEXO 04 – QUESTIONÁRIO	- 92 -
ANEXO 05 – FOTOGRAFIAS DA ESCOLA	- 98 -

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Caracterização por Idade	- 59 -
Gráfico 02: Caracterização por Género	- 59 -
Gráfico 03: Caracterização por Estado Civil.....	- 60 -
Gráfico 04: Caracterização por Formação Académica.....	- 60 -
Gráfico 05: Questão 07 – Você considera suficiente o tempo dedicado ao ato de planejar? Porquê?.....	- 63 -
Gráfico 06: Questão 09 – Há a aplicação do Planeamento Pedagógico na prática do ensino aprendido?	- 68 -
Gráfico 07: Questão 10 – Há o acompanhamento da coordenação pedagógica referente ao planeamento e a prática docente?.....	- 75 -

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Questão 11 - Você considera o Planejamento Pedagógico importante na sua vida profissional?	- 62 -
Quadro 02: Questão 12 - O planejamento contribui com o sucesso do aprendizado do aluno?.....	- 66 -
Quadro 03: Questão 15 – A secretaria acompanha a realização dos Planejamentos Pedagógicos nas unidades escolares?	- 68 -
Quadro 04: Questão 16 – A Secretaria de Educação fornece recursos materiais para a realização dos Planejamentos Pedagógicos nas unidades escolares?	- 70 -
Quadro 05: Questão 17 – A Secretaria de Educação realiza Planejamentos Pedagógicos, os quais possam contemplar os professores de toda a rede municipal?	- 71 -
Quadro 06: Questão 08- Há participação dos educadores da sua escola na construção do Planejamento Pedagógico?	- 74 -

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização Geográfica do município de Camaçari.....	- 98 -
Figura 02: Fachada da Escola	- 98 -
Figura 03: Interior da Escola	- 99 -
Figura 04: Pátio Aberto	- 99 -
Figura 05: Espaço dos Corredores.....	- 99 -
Figura 06: Salas de Aula e Laboratório de Informática	- 100 -
Figura 07: Secretaria e Corredor da Gestão.....	- 100 -

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Questão 11.1 – Como você considera essa importância/necessidade profissional?.....	- 65 -
Tabela 02: Questão 7.1 Porquê?.....	- 64 -
Tabela 03: Questão 6 O que você entende por planejamento no contexto educacional ?	- 62 -
Tabela 04: Questão 12.1 Como você percebe esse sucesso?Erro! Marcador não definido.	
Tabela 05: Questão 15. 1. Como é feito este acompanhamento?.....	- 67 -
Tabela 06: Questão 16.1 Quais recursos?.....	- 77 -
Tabela 07: Questão 17.1 – De que forma são realizados esses Planeamentos? ...	- 72 -
Tabela 08: Questão 14 Na sua opinião, quais são as fragilidades existentes na realização do Planejamento Pedagógico enquanto Coordenação Setorial? (oriundo da Secretaria)	- 69 -
Tabela 09: Questão 18. Na sua opinião, a frequência dos professores está satisfatória no momento disponibilizado para realizar o Planejamento coletivo? Justifique -	- 70 -
Tabela 10: Questão 8.1 Descreva como se dá essa participação.....	- 71 -
Tabela 11: Questão: 13 Na sua opinião, quais são as fragilidades existentes na realização do Planejamento Pedagógico enquanto unidade escolar?	- 74 -
Tabela 12: Questão 19 – Se preferir faça seu comentário sobre Planejamento Pedagógico, o qual não foi contemplado no questionário	- 75 -

LISTA DE ABREVIATURAS

ART Artigo

LISTA DE ACRÓNIMO

UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE SIGLAS

CEP Código de Endereçamento Postal

EJA Educação de Jovens e Adultos

LDBEN Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC Ministério da Educação e Cultura

PEE Plano Estadual de Educação

PME Plano Municipal de Educação

PNE Plano Nacional de Educação

PPP Projeto Político Pedagógico

SEDUC. Secretaria de Educação

UE Unidade Escolar

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada *Planeamento como Ferramenta Eficaz no Desenvolvimento da Práxis Pedagógica*, visa analisar se a temática planeamento pedagógico vem sendo abordado no contexto educacional, como uma ação transformadora na educação escolar, contribuindo para o ato de educar, de forma a melhorar a eficácia no processo de ensino aprendizagem. Para refletir sobre esta abordagem e sua importância para uma educação de qualidade, pretendemos refletir e discutir o contexto histórico, seus variados conceitos, funções e tipos, requisitos para sua construção, profissionais envolvidos nesta ação, bem como a necessidade de avaliar e replanear a partir do que foi planejado.

Para tanto, faz-se necessário analisarmos os referenciais teóricos que postulam sobre a temática, portanto, juntamente com um estudo de caso em uma Escola do Município, onde atende o nível fundamental I, II, e Educação de Jovens e Adultos - EJA. Ao obtermos os resultados desta pesquisa, foi possível refletir coletivamente os resultados com os envolvidos nesta caminhada, a fim de que, juntamente com os demais educadores, possamos encontrar soluções de melhoria contínua e propor ações motivadoras no ato de planejar.

Desde março de 2001 atuando na coordenação pedagógica de uma determinada escola de Ensino fundamental II, de Camaçari, localizado no Estado da Bahia - Brasil, onde tivemos a oportunidade de observar que muitos professores ainda têm grande resistência em comparecer no momento dedicado ao planeamento pedagógico, seja ele realizado dentro da unidade escolar, com um grupo mais restrito de professores ou no espaço maior reservado pela Secretaria de Educação, para que todos da rede municipal possam se reunir de acordo com a disciplina lecionada. Essa observação nos faz refletir por compreendemos que um bom planeamento, nasce a partir da construção coletiva, munido de variadas ideias, como também, de metas e de objetivos que a escola deseja alcançar. Filho (1994, p. 46), revela que

(...) o processo de ensino – aprendizagem não se alimenta exclusivamente da contribuição individualizada de cada conteúdo ou professor isoladamente; pelo contrário, além dessas

contribuições individuais, há aquelas provenientes do trabalho conjunto de todos os docentes e destes com os demais profissionais da educação lotados na escola.

Acreditando que o planeamento é um fator muito importante para favorecer uma educação de qualidade, pensou-se em investigar esta abordagem, tanto para buscar novos conhecimentos, quanto para contribuir por meio de formação continuada com o fortalecimento do mesmo, na tentativa de elevar o nível de qualidade do ensino do referido município.

Cabe salientar que na escola investigada atende aos alunos adolescentes entre 12 a 15 anos de idade que corresponde ao nível fundamental II e também atende a Educação de Jovens e Adultos no turno noturno. Com isso, a nossa investigação será voltada para a temática do “Planeamento como Ferramenta Eficaz no Desenvolvimento da Prática Pedagógica”.

Nessas perspectivas, foram realizadas leituras das referências bibliográficas expostas neste trabalho, sendo ampliada de acordo com as futuras orientações, onde possam analisar as diversas abordagens sobre planeamento na esfera educacional.

Portanto, almejamos que a pesquisa possa proporcionar novos conhecimentos e técnicas eficazes para o enriquecimento do ato de planear, colaborando com o grupo de coordenadores pedagógicos, educadores na mediação das aulas ministradas na sala de aula e supostamente contribuir no interesse do educando na construção de seus saberes de forma a elevar seu nível intelectual.

Para tanto, temos como objetivo geral: Compreender a importância do planeamento no cotidiano do docente da escola investigada. E, como objetivos específicos: analisar como os professores avaliam o Planeamento Pedagógico no cotidiano de suas aulas; esclarecer os diferentes tipos de Planeamento para o contexto educacional; identificar como o planeamento poderá contribuir na produção de saberes dos educandos; verificar de que forma a Secretaria Municipal de Educação acompanha a construção e a realização do Planeamento Pedagógico das escolas; verificar a participação efetiva dos docentes na construção do Planeamento.

A população investigada, que participou neste estudo, englobou 12 professores, 1 coordenador e a direção, ambos sexos, com formação diversas, que lecionam nas turmas do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental II.

A investigação realizada pode ser considerada como um Estudo de Caso que envolveu uma pesquisa mista (metodologias quantitativas e qualitativas) e teve como suporte uma pesquisa bibliográfica e empírica. Na recolha de dados foi utilizado o inquérito tendo sido construído um questionário com perguntas semiestruturadas que foi distribuído pelos participantes. Segundo Gil (2008, p.104):

A elaboração de um questionário consiste em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem rígidos (...) o questionário deve iniciar com as perguntas mais simples e finalizar com as mais complexas. O questionário deve conter uma introdução que informe acerca da entidade patrocinadora, das razões que determinaram a realização da pesquisa e da importância das respostas para atingir seus objetivos.

A metodologia qualitativa vem sendo postulada por Charoux (2006, p. 40) na

Visão mais focada na profundidade enquanto a quantitativa na forma de dados empíricos. Ela se apoia na riqueza e no detalhamento extraídos da investigação e busca entender o fato ou fenômeno estudado, mas também o contexto dentro do qual se desenvolve, conhecendo a fundo o objeto de investigação, bem como o processo e a perspectiva dos participantes da situação estudada.

Em relação à coleta de dados, ela ocorreu nos meses de novembro e dezembro de 2017, onde primeiramente foi providenciado a explicação sobre os objetivos que versavam investigação, bem como a aprovação dos participantes quanto a garantia do anonimato e da confiabilidade, que poderá ser comprovado com a assinatura de todos os envolvidos na pesquisa, no Termo de Consentimento Livre Esclarecido, só após essa explicação que foi realizado a aplicação dos inquéritos.

Antes de iniciarmos a nossa pesquisa, solicitamos as devidas autorizações para a Direção da escola, juntamente com a coordenadora pedagógica, posteriormente, foram descritos os objetivos da nossa investigação. Após essa explanação à Gestão, em outro dia pré estabelecido e com as devidas liberações, apresentamos a nossa proposta aos professores, contudo, antes eles foram avisados da pesquisa anteriormente pela coordenação da escola. Assim, foram entregues os envelopes para cada um dos

participantes, com os inquéritos e posteriormente, entregues à investigadora. Durante o processo de investigação, a investigadora esteve presente na escola para tirar possíveis dúvidas sobre as questões apresentadas.

É importante ressaltar que, antes da entrega dos inquéritos, disponibilizamos os documentos de consentimento e autorização para a pesquisa, para que todos pudessem assiná-los. Após a coleta das informações, providenciamos a tabulação dos resultados pelo Excel, bem como a construção dos relatórios que irão compor a nossa dissertação. Outra informação à agregar no corpo desta pesquisa é que, o questionário foi previamente aplicado para um grupo pequeno de educadores de outra unidade escolar, para que fosse possível detectar qualquer dúvida na interpretação das perguntas.

A escrita da tese foi estruturada em duas partes, contemplando o planeamento pedagógico e a organização da educação.

Na primeira parte, faz-se um enquadramento teórico sobre o tema, subdividindo-o em 2 capítulos que tratam sobre o planeamento pedagógico e a organização da educação, sua estrutura e as concepções sobre planear. Além da abordagem sobre a escola e a prática pedagógica para a construção dos saberes, os contributos do planeamento no processo de ensino aprendizagem, o coordenador pedagógico e a sua importância na construção do planeamento no acompanhamento da *práxis educativa*, a formação continuada como contributo para a melhoria do planeamento, *práxis pedagógica* e construção dos saberes e o papel da Escola e Secretaria de Educação no acompanhamento e construção do planeamento.

Na segunda parte abordamos mais um capítulo sobre o marco metodológico, onde se justifica a investigação, o desenho metodológico utilizado e o contexto da amostra. Demonstraremos também o enfoque da pesquisa, bem como as técnicas e instrumentos da coleta de dados, os procedimentos para realização dessa coleta de dados e as técnicas de análise e interpretação desses dados.

Por fim, apresentam-se as discussões, as considerações finais para que possam contribuir com o planeamento pedagógico no cenário educacional.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I: O PLANEAMENTO PEDAGÓGICO E A ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

1.1.Contexto Histórico

Quando pensamos na palavra planeamento, nos reportamos aos aspetos do dia a dia, das coisas mais simples, até as mais complexas, como planejar a construção de monumentos, uma cidade ou algo parecido. Apesar de não ser uma citação totalmente atual, Faria (1994, p.71) consolida esta ideia, afirmando que:

O planeamento é tão antigo quanto a história. A construção das pirâmides egípcias não se concretizou sem que tivessem sido elaborados complicados planos e projetos, e sem que os administradores tivessem se preocupado com a alimentação de milhares de trabalhadores, escravos e soldados, assim como planejado o transporte dos enormes blocos de granito, originários de local, na região sul do Egito.

Nesse sentido, planos e projetos também disciplinaram outras construções importantes, a exemplo dos aquedutos construídos pelos romanos, os canais de irrigação da Mesopotâmia, os templos e fortificações das cidades antigas, templos astecas, pirâmides maias, palácios indianos, muralhas chinesas, etc. Evangelista (2010, p. 1) complementa que

Não obstante, e com raríssima exceção, o planeamento, tal qual hoje o conhecemos era quase exclusivamente usado como arma de guerra, e ao qual se denominava “estratégia” ou “arte dos generais”.

Evangelista (2010), foi mais além do que o pensamento anteriormente mencionado, pois, segundo a autora é impossível precisar o momento correto que surgiu o planeamento, mas fez uma associação a própria existência do homem no universo, visto que, toda ação humana parte de um pensamento, uma reelaboração, ou seja, parte de uma ideia organizada, o que pode ser considerado um planeamento já idealizado.

De acordo com Evangelista (ibidem), que o planeamento está intimamente ligado ao ser humano, desde seus primórdios quando habitava as cavernas, produzia e usava ferramentas, caçava para obter sua alimentação e utilizava as peles dos animais como

proteção. Daí podemos perceber que o ato de planejar é muito antigo e abrangente. Para tanto, Agnes (2017, p. 1) relata que

A caverna é o mundo ao redor, físico e sensível, onde nele imagens prevalecem sobre conceitos, de forma a induzir a formação de juízos equivocados. O ofuscamento está relacionado à dificuldade de assimilar novas descobertas e a necessidade de estar aberto ao conhecimento. O mundo do lado de fora é o real e inteligível, que é dotado de formas e com uma identidade inalterável. O planejamento da volta é a obrigação que o homem sente de levar o esclarecimento obtido para os semelhantes que ainda vivem na ignorância, aspirando um mundo melhor com mais sabedoria.

Seguindo essa linha, Evangelista (2010), cita alguns pensadores, tais como: Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant, Karl Marx, Comênius e outros, que contribuíram, conforme percebemos no mito da caverna, com a evolução e o aperfeiçoamento das ferramentas teóricas do planeamento, que convergiam com a ideia de liberdade, organização, direito, sociedade e conhecimento. Porém, o ápice do planeamento para a humanidade foi após as duas grandes guerras mundiais, na segunda metade do século XX, que contribuíram para o aparecimento das técnicas de planeamento, principalmente na área bélica, seguindo para os demais espaços da sociedade como o industrial, agrícola, comercial, de comunicação, entre outros, dos quais podemos acrescentar o educacional (ibidem). A priori nos restringiremos ao industrial e educacional, sendo este último, o foco principal da nossa investigação.

Para conceituar o planeamento, faz-se necessário, primeiramente, entender a sua primeira aplicação que se deu no campo industrial. O planeamento surgiu como forma de gerência científica, idealizada por Frederick Winslon Taylor, considerado este, pai da Administração Científica, devido sua publicação Princípios da Administração Científica em 1903, com ênfase em três fases administrativas: eliminação dos desperdícios como melhoria da qualidade dos produtos, processo produtivo com caráter mais científico e princípio da linha de staff de uma organização. O foco da linha de staff, era os especialistas com a tarefa de planejar a organização com princípios de eficiência, pois assim, começa a surgir e elevar-se a ação de planejar no campo industrial. (Evangelista, 2010).

Dessa forma, o planeamento era concebido como especificação bem definido dos objetivos da organização e decisões passando a ter a nomenclatura de planeamento estratégico, que

tem sido muito citado em trabalhos científicos e relatos empresariais. As empresas enfrentam, cada vez mais, demandas crescentes por novos serviços, produtos e sofrem fortes pressões por retorno financeiro. Ansoff cit in Machado (2012, p. 4) afirma que a criação da gestão estratégica e, consequentemente, do planeamento estratégico ocorreu em decorrência das dificuldades enfrentadas pelas empresas americanas no final da década de 50, as quais não podiam ser solucionadas única e exclusivamente com as técnicas administrativas disponíveis e necessitavam de um novo método que foi denominado gestão (administração) estratégica.

Macedo (2012), demonstra que a relação o Planeamento Estratégico e o funcionamento da empresa, proporciona o sucesso. Não é diferente quando tratamos do planeamento na educação. O modelo de planeamento educacional, no meado do século XIX, segundo Peña (2011), não era tão diferente do modelo do planeamento dentro das indústrias. Era a forma de atender os interesses do Estado e de mantê-lo informado de todos os acontecimentos dentro do espaço escolar, fazendo com que ele pudesse controlar as ações dos profissionais da Educação da época, onde era proibido toda e qualquer manifestação de liberdade de pensamento e expressão, assumindo um processo histórico de controle social, assim foi introduzido nas escolas o inspetor, cumprindo o papel fiscalizador do Estado, atendendo somente aos seus interesses.

Vale ressaltar que séculos anteriores, tais como os séculos XVI, XVII e XVIII, o Brasil ainda não possuía um sistema escolar organizado, por não haver ainda pessoas preparadas. Com isso, a figura do inspetor no contexto escolar, não tinha como função colaborar com as actividades pedagógicas, muito pelo contrário, ele estaria ali apenas para fiscalizar os trabalhadores em nome do Estado. E é nessa linha que Araújo et al. (2006, p. 4), vem complementar que

Em dois séculos, precisamente em 210 anos, foi construída essa organização da educação colonial, um processo que teve início desde a chegada dos primeiros jesuítas (considerados pelos historiadores como únicos educadores no Brasil, sem desconhecer a presença de outras Companhias, cujo trabalho foi insignificante), até sua expulsão pelo Marquês de Pombal em 1759.

Ainda de acordo Pena (2011), a função do inspetor não condizia com as necessidades e exigências das escolas, após muitos questionamentos e passado Proclamação da República as coisas foram se modificando, existindo novas exigências em relação ao perfil profissional da inspeção nas escolas.

O grupo educacional fez muitas críticas as posturas do “inspetor-vigia” denominação utilizada na época, e visando atender aos interesses da elite, a inspeção sofreu várias transformações, mas sem deixar de transparecer a nítida interferência da política e dos interesses pessoais, portanto, somente a partir da Lei 4.024 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 21 de dezembro de 1961, estabeleceu a exigência de concurso de títulos e provas para a escolha do inspetor e, ainda, conhecimentos técnicos e pedagógicos demonstrados de preferência no exercício de funções de magistério. Porém, só em 1971, a nova LDBEN, nº 5.692 determinou em seu artigo 33, que “A formação de administradores, planejadores, orientadores, inspetores, supervisores e demais especialistas de educação será feita em curso superior de graduação, com duração plena ou curta, ou de pós-graduação” (Menezes, 1977, p. 17).

Começou-se a exigir que os educadores e inspetores tivessem uma sólida formação teórica e interdisciplinar, que abrangesse novas formas de relação entre teoria e prática, compromisso com os princípios da gestão democrática e com o trabalho participativo na escola. O art. ° 64, título VI da lei n.º 9394 de 20 de dezembro, versa sobre os profissionais da educação também delibera sobre a formação do inspetor escolar reforçando o que as leis anteriores já normatizavam, a saber:

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (Brasil, 1996)

Assim, a nomenclatura de inspetor, muda para supervisor e posteriormente coordenador, embora exista distinção destas duas funções em algumas regiões do país, mas particularmente na Bahia, usa-se a nomenclatura de coordenador pedagógico, o qual sua função não condiz com a figura do inspetor de outrora, conforme podemos verificar segundo Rosa et al (2013, p. 49),

Na década de 70, os estudos legais revelam a ação tradicional, conservadora e estreita atribuída ao Supervisor Escolar, que contém em si traços do inspetor escolar que dava ênfase ao controlar, executar e fazer cumprir. A profissão Supervisor Escolar vem sustentar a definição de uma atividade sistematizada que busca contribuir com o cenário educativo em seu funcionamento, ligando os diversos setores educacionais para que contribuam uns com os outros. Tornam-se necessárias, para isso, qualificações técnicas, acadêmicas, que resultem num profissional com formação realmente específica.

Tendo claro hoje o papel do coordenador pedagógico, percebemos que o planeamento pedagógico e a sua organização no contexto educacional, demanda uma reflexão acerca da política educacional e esse planear, que vai desde o conhecimento da estrutura do Estado, a legislação que permeia o campo educacional, até a organização do planeamento, propriamente dito. Vieira (2002, p. 20) afirma que

O conceito de Estado, as interfaces entre política, planeamento e legislação e as concepções teóricas que fundamentam o planeamento, visam facilitar a compreensão do contexto mais amplo em que são concebidas as iniciativas educacionais que interferem sobre as diversas dimensões da realidade escolar. Onde quer que atue o educador, suas ações são influenciadas por determinações do planeamento e da política educacional.

A compreensão do que seja o planeamento educacional, perpassa como foi postulado pelo autor, como uma atividade atrelada ao governo, em que essa relação que está associada a sociedade política e a sociedade civil, nos leva as diferentes teorias. (Vieira, 2002).

A discussão conceitual do Sistema de Ensino, foi precedida pela discussão sobre “(...) sistema, sistema educacional, sistema de ensino, estrutura, estrutura educacional (...)” (Gentili, 2010, p. 116). Esta preocupação levou a implantação de um Sistema Nacional de Educação, que fez com que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, viesse contribuir com a educação.

A Lei 5692/71, reorganizou a educação básica, dividindo-a em 1º e 2º graus e criou a Educação Profissionalizante, prestando assistência financeira aos municípios e estados para que pudessem investir na Educação. Assim, “com esta medida, o governo federal sinalizava (art.º 58) para a transferência progressiva dos serviços educacionais,

especialmente de Primeiro Grau, para a responsabilidade das administrações municipais”. (Gentili, 2010, p. 117)

A organização da escola é percebida ao longo da história como uma prática social entre as relações sociais que são estabelecidas entre si. É sabido que “a educação é, uma prática social ampla e inerente ao processo de constituição da vida social, alterando-se no tempo e no espaço em razão das transformações sociais”. (Ferreira, et al. , 2009, p. 237).

Em consonância com a afirmação do autor, a organização escolar deve ser compreendida e pensada de acordo com as necessidades de um Estado moderno que busca atender a todo instante, os interesses da maioria da população. E, esses interesses foram surgindo a partir da LDBEN, que

Verifica-se que as políticas educacionais do período estruturaram a organização escolar para o desenvolvimento de competências gerais (saber aprender) e para o desenvolvimento de competências gerais (saber fazer), em consonância com as transformações produtivas e com as necessidades advindas do mercado ou mundo do trabalho. (ibidem, p. 243).

E é nesse viés interpretativo que a supervisão ou coordenação pedagógica tem se preocupado com a eficiência e no desenvolvimento profissional do professor, a fim de que sua missão em educar, se torne cada dia mais consciente e eficaz. (Rosa et al., 2013).

1.2. Planeamento, sua estrutura e organização

Quando o planeamento surgiu, ele não tinha tanta importância para educação, porém, com a evolução da sociedade, principalmente no setor industrial e comercial, houve a necessidade de inserir o mesmo, para as diferentes áreas, a exemplo, a da educação. Como foi relatado no capítulo do contexto histórico, o planeamento foi introduzido nas escolas inicialmente, como uma maneira de controlar a ação dos educadores de modo a não interferir no regime político da época.

Atualmente, para muitos autores, o planeamento ganha uma nova roupagem, ganhando um novo significado, podendo ser altamente positivo para o espaço educacional, pois de acordo com sua nova concepção ele é: “um eixo norteador na busca da autonomia, na tomada de decisões, nas

resoluções de problemas e nas escolhas dos caminhos a serem percorridos”. (Rodrigues, 2012, p. 2).

Diante dessa nova configuração, o planeamento, agora garante autonomia e liberdade para que os educadores, possam agir permitindo-lhes (re) construção de um novo cenário para educação. Nesse sentido, Menegolla & Sant’anna (2008) revelam que é emergente um planeamento para o contexto educacional, e também nos faz compreender que, quando se fala em planeamento, seja ele educacional ou pedagógico, não estamos somente nos referindo ao ato de planejar um plano de aula específico a ser trabalhado no dia seguinte, e sim, buscar planejar todas as vertentes que a Educação exige, principalmente no que diz respeito ao currículo, aos recursos, formação continuada, valorização profissional e avaliação. Podemos perceber que este é um tipo de planeamento a longo prazo, o qual corresponde ao planeamento educacional o qual será mais detalhado no decorrer da pesquisa.

Ribeiro (2010, p.1), afirma que o planeamento “é um processo de busca de equilíbrio para a melhoria do funcionamento do sistema educacional”, o que sugere que o planeamento não pode ser percebido como uma ação solta e fragmentada, pois a ação de planejar deverá contemplar a Educação como um todo, de forma bem estruturada, visando sempre a melhoria da educação.

Libâneo (2005, p. 222), destaca o planeamento como “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Tendo a compreensão acerca do planeamento, foi percebido que não o devemos confundir com plano de aula, visto que do primeiro dependente toda uma esfera educacional, portanto, sinalizaremos os variados tipos planeamento os quais consideramos imprescindíveis o seu entendimento na elaboração da estrutura educacional, são eles: Planeamento Educacional, planeamento curricular, planeamento da escola, planeamento de ensino, e planeamento da aula. A partir destas subdivisões, teremos uma ideia mais clara ao qual cada um corresponde.

Nesse sentido, é necessário um breve recorte da trajetória do Planejamento Educacional no Brasil, por compreendermos que todos os demais tipos de planejamento estão de qualquer forma a ele interligados.

Assim, Kuenzer (2009, p. 23), relata que o “Manifesto dos Pioneiros em 1932”, teve grande influência apresentando a ideia de um plano de educação com propósito de renovação da escola tradicional, de forma a estabelecer a função social da escola, pautada na democracia e no que se refere ao exercício dos direitos de todos, destacando entre eles: a educação pública, a escola única, a laicidade, gratuidade e obrigatoriedade da educação.

Em relação a laicidade está relacionada com a luta travada contra o ensino religioso. No que diz respeito a gratuidade, é dependente da obrigatoriedade, pois, o Estado não poderia tornar o ensino obrigatório e igual para todos se este não fosse gratuito e atendesse a todos os níveis econômicos e sociais presentes em seu contexto.

Horta (cit. in Kuenzer et al., 2009, p. 20), salientou que:

(...) o plano de reconstrução de educacional, nele apresentado em linhas gerais, é antes de tudo um plano de organização e de administração do sistema educacional, a partir de alguns princípios pedagógicos administrativos, e não um ‘Plano Nacional de Educação’, com objetivos, metas, recursos claramente estabelecidos.

Ela ainda ressalta que o movimento do “Manifesto dos Pioneiros” reivindicava também um avanço no poder de organização e políticas de melhorias para educação, pautada, principalmente, na formação do profissional da educação e nas influências industriais vigentes na época, como a esperança de mudança no sistema educacional e o emprego efetivo do pensamento científico nas ações da escola.

Já no Plano Nacional de Educação publicado pelo MEC (2001) destacou a importância desse movimento e não deixou de citar os 26 educadores participantes e que contribuíram significativamente para a futura construção do plano educacional propriamente dito, documento esse redigido por Fernando de Azevedo, tendo a

participação ativa de Anísio Teixeira, Roldão Lopes de Barros, Afrânio Peixoto, Cecília Meireles, entre outros.

Para Azevedo (2010, p. 51), o Plano de reconstrução educacional, documentado pelos pioneiros da educação, tinha a pretensão de :

Corrigir o erro em que se apresentava o sistema educacional da época caracterizado pela falta de continuidade e articulação do ensino, em seus diversos graus ou níveis de ensino, como se não fossem etapas de um mesmo processo. [...] de fato, o divórcio entre as entidades que mantêm o ensino primário e profissional e as que mantêm o ensino secundário e superior, vai concorrendo insensivelmente, como já observou um dos signatários deste manifesto.

Em síntese, foi somente em 1961, pautado na Lei nº 4024/1962 (LDBEN), que o Plano Nacional de Educação foi elaborado e revisado, assim surge um Plano Educacional para o Brasil, visando uma transformação educacional em uma perspectiva de oito anos para obter tais resultados.

Na sequência, existiram outros planos educacionais e o último foi respaldado na Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996, a qual trouxe contribuições significativas, no que diz respeito a necessidade de elaboração do plano nacional com a duração de dez anos, estabelecendo que a união encaminhasse o referido plano para o Congresso Nacional, com diretrizes e metas para todos os níveis de ensino, conforme almejaram os pioneiros (Mendes, 2012).

Segundo ele, a LDBEN 96/94, propiciou um avanço significativo ao movimento do planeamento, dando-lhe total legitimidade, pois no que diz respeito ao PNE, a referida lei (LDBEN 96/94) nos artigos 9º e 87º diz que:

Art. 9º - A União incumbir-se á de:

I – elaborar o Plano Nacional de Educação em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; [...]

Art. 87 – É instituída a Década de Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta lei:

§1º - A União no prazo de um ano a partir da publicação desta lei encaminhará ao Congresso Nacional o Plano Nacional de Educação, diretrizes e metas para os dez anos seguintes, em sintonia com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos. (Brasil, 1996).

Na compreensão de Fernandes (2006), o planeamento Educacional corresponde ao processo de elaboração de políticas educacionais que até 1980, eram centralizadas nas mãos do Estado, conhecido também por planeamento normativo, que após uma crise financeira, motivou a realização de um evento internacional importante, o Congresso Internacional “Planeamiento y Gestión del Desarrollo de la Educación”, realizado pela UNESCO, no México, em 1990.

Esse congresso tinha como objetivo, efetuar um balanço da evolução do planeamento e gestão da educação, desde a Conferência Internacional sobre Planeamento da Educação, realizada em Paris, em 1968, pois tais medidas não respondiam à crise que se instalou nos sistemas educacionais latino-americanos.

Dessa forma, Williams (1992) ressalta que o planeamento da educação deveria considerar outros elementos, por um lado, as relações entre os sistemas económicos, políticos e educacionais e, por outro, pela dependência desses sistemas para realizar-se como atividade social.

Assim, mediante o decorrer dos anos, o planeamento educacional passou a ser concebido como instrumento imprescindível na elaboração de um projeto educativo, e apresentado concretamente nas propostas de programa e projetos educacionais, dentro de uma concepção de planeamento divergente da normativa. (Fernandes, 2006).

De acordo com o pensamento de Parra (*cit. in* Sant'anna et al., 1995, p. 14), o Planeamento Educacional é compreendido como:

processo contínuo que se preocupa com o 'para onde ir' e 'quais as maneiras adequadas para chegar lá', tendo em vista a situação presente e possibilidades futuras, para que o desenvolvimento da educação atenda tanto as necessidades da sociedade, quanto as do indivíduo.

Para Kuenzer et al. (2009, p. 13),

O planeamento da educação também é estabelecido, a partir de regras e relações da produção capitalista, herdando, portanto, as formas, os fins, as capacidades e os domínios do modelo do capital monopolista do Estado.

Desta forma, ela alerta os educadores técnicos que participam, elaboram e discutem a formulação da proposta do PNE – Plano Nacional da Educação, que instrumentalizem esse Plano sob novas perspectivas, visando a transformação das escolas onde as forças da sociedade estejam presentes, pois ela acredita que as escolas, através dos educadores e uma pedagogia adequada, sejam um campo onde pode ser desenvolvidas práticas sociais e democráticas.

Nesta trajetória, podemos compreender que o planeamento educacional tem uma importante contribuição para a escola, de forma a garantir sua autonomia, consolidando as conquistas de forma a implementar novas ações.

Dada a compreensão sobre planeamento educacional, seguiremos nesta linha de raciocínio com os demais tipos de planeamento voltados para a educação. Veremos a seguir, planeamento curricular.

De acordo com Luckesi (2006, p. 112),

o planeamento curricular é uma tarefa multidisciplinar que tem por objetivo a organização de um sistema de relações lógicas e psicológicas dentro de um ou vários campos de conhecimento, de tal modo que se favoreça ao máximo o processo ensino-aprendizagem.

É, dessa forma, a previsão de todas as atividades que o educando realiza sob a orientação da escola para atingir os fins da educação.

Para Vasconcellos (1995, p. 56), “é o processo de tomada de decisões sobre a dinâmica da ação escolar. É previsão sistemática e ordenada de toda a vida escolar do aluno”. Portanto, essa modalidade de planeamento constitui um instrumento que orienta a ação educativa na escola, pois a preocupação é com a proposta geral das experiências de aprendizagem que a escola deve oferecer ao estudante, através dos diversos componentes curriculares

Ainda no entendimento de Vasconcellos (1995), para a realização do planeamento curricular, espera-se que cada unidade escolar juntamente com sua equipa: corpo gestor, coordenador pedagógico, orientador educacional, se houver, e o corpo docente, possam

elaborar seu planejamento de currículo, englobando todos os componentes curriculares, tais como: conteúdos, metodologia, avaliação, recursos, cronogramas.

O Planejamento Escolar é aquele elaborado na primeira semana do ano letivo, integrado com toda a equipa gestores, orientadores, supervisores, coordenadores e corpo docente para planejarem os próximos o ano letivo. É o momento de integrar os professores que estão chegando, colocando-os em contato com o jeito de trabalhar do grupo, e, claro, mostrar os dados da escola para todos os docentes, além de apresentar as informações sobre as turmas para as quais cada um vai lecionar (Cesar, 2011).

Percebemos com isso, que é importante planejar, discutir, elaborar e definir alguns aspetos logo na primeira semana, tais como: as diretrizes quanto à organização e à administração da escola, normas gerais de funcionamento da escola, atividades coletivas do corpo docente, o calendário escolar, o período de avaliações, o conselho de classe, as atividades extraclasse, o sistema de acompanhamento e aconselhamento dos alunos e o trabalho com os pais, as metas da escola e os passos que precisam ser dados, durante o ano, para atingi-las, os projetos realizados no ano anterior, os novos projetos que serão desenvolvidos durante o ano as temáticas que serão trabalhadas e distribuí-las nos meses, revisar o projeto político pedagógico.

Já em relação ao Planejamento de Ensino, César (2011) relata que esse é a especificação do planejamento curricular. É desenvolvido, basicamente, a partir da ação do professor e compete a ele definir os objetivos a serem alcançados, desde seu plano de trabalho até eventuais e necessárias mudanças de rumo. Cabe ao professor, também, definir os objetivos a serem alcançados, o conteúdo da matéria, as estratégias de ensino e de avaliação e agir de forma a obter um retorno de seus alunos no sentido de redirecionar sua matéria.

O Planejamento de Ensino deve possuir as seguintes características, segundo Cesar (2011, p. 1):

1. objetivos específicos estabelecidos a partir dos objetivos educacionais;
2. conhecimentos a serem aprendidos pelos alunos no sentido determinado pelos objetivos;

3. procedimentos e recursos de ensino que estimulam, orientam e promovem as atividades de aprendizagem;
4. procedimentos de avaliação que possibilitem a verificação, a qualificação e a apreciação qualitativa dos objetivos propostos, cumprindo pelo menos a função didático-pedagógica de diagnóstico e de acompanhamento no processo educacional.

Ele ainda salienta que, o resultado desse planeamento é o plano de ensino, um roteiro organizado das unidades didáticas para um ano, um semestre ou um bimestre contendo: justificativa em relação aos objetivos gerais da escola e do curso, objetivos gerais, objetivos específicos, conteúdo (com a divisão temática de cada unidade), tempo provável (número de aulas do período de abrangência do plano), desenvolvimento metodológico (métodos e técnicas pedagógicas específicas da disciplina), recursos tecnológicos, formas de avaliação e referencial teórico (livros, documentos, sites etc). E do plano de ensino resultará, ainda, o plano de aula, onde o professor vai especificar as realizações diárias para a concretização dos planos anteriores. Como podemos perceber, os planos não são e nem devem ser elaborados de forma solta e desestruturados, todos devem estar interligados entre si, para que haja coerência e sentido do que deve ser ensinado.

Vale destacar também, um outro de tipo de planeamento que é o Projeto Político Pedagógico, conhecido como PPP, onde inclui todas as ações que a escola pretende desenvolver. Nele deve conter a proposta curricular da escola, os planos de ensino de cada disciplina, projetos extras curriculares, etc. e deve ser construído por todos envolvidos no processo educativo escolar. Esse documento tem a validade entre três a cinco anos, a depender da legislação de cada município.

Para Padilha (2017, pp. 88-89), “a construção do projeto da escola exige a definição de princípios, estratégias concretas e, principalmente, muito trabalho coletivo”. Segundo ele, no processo de elaboração deste documento, os envolvidos não devem esquecer que a preocupação maior da escola deve ser o melhor atendimento ao aluno. Aliás acreditamos que todo o empenho na elaboração de todos os tipos de planeamento, deve levar em consideração todo o bem-estar dos profissionais de educação em todos os sentidos, mas tudo de forma atingir o corpo discente que são os alunos, a razão da escola existir. Assim, um bom planeamento, pode proporcionar ao educador uma relação mais

profunda entre ele e o seu aluno, no seu processo de ensino aprendizagem, nesse sentido, Campos (2017, p. 50) acredita que:

O planeamento pedagógico numa visão estratégica, a articulação interdisciplinar dos conteúdos e a leitura aprofundada das temáticas transversais são formas de organização do trabalho escolar que, por meio da pedagogia de projetos, têm se constituído em um poderoso instrumento para acompanhar a aprendizagem daquele que aprende.

1.3 Diferentes concepções acerca do Planeamento

O planeamento de uma escola deve ser o centro da tomada de decisões sobre a educação no conjunto do desenvolvimento tanto da comunidade escolar, quanto em relação ao meio em que a sociedade está inserida. Mas para que isso se efetive, o professor é a peça fundamental dessa engrenagem. É ele com seu conhecimento renovado, sua reflexão criativa e suas ações que farão com que as transformações tanto no espaço, quanto no âmbito pedagógico aconteçam. Sobre este assunto, Campos (2017, p. 56) refere que

O domínio sobre a aprendizagem e a aplicação de metodologias construtivistas forma, com o plano de atividades da disciplina, o núcleo principal que norteia a ação docente. O professor que não planeja se limita ao imprevisto. Em educação cabe sim o imprevisto, mas a partir do que se planejou. O professor não pode ensinar aquilo que não conhece, mas é possível que isso ocorra se em suas atitudes não estiverem presentes a abertura para aprender coisas novas sobre a sua área de ensino e as abordagens didático-pedagógicas, a fim de gerar a interação entre as concepções em que acredita, os saberes docentes e sua prática de ensino.

De acordo com uma pesquisa feita por Vasconcellos (2000), há a descrença na utilidade do planeamento. Ele aponta que alguns professores consideram impossível dar conta da tarefa por diferentes motivos: o trabalho em sala de aula é dinâmico e imprevisível; faltam condições mínimas, como tempo; e existe o pensamento de que nada vai mudar e, portanto, basta repetir o que já tem sido feito. Há também aqueles que acreditam na importância do planeamento, mas não concordam com a maneira como é feito.

A vulnerabilidade do sistema de educação atualmente é uma realidade. Os indicadores recentemente divulgados, apontam que planejar é uma tarefa complexa, pois depende dos referenciais simbólicos dos atores sociais envolvidos. A teorização sobre planeamento deve ser situada, na medida em que este não pode ser tratado indistintamente do sistema social. Dizer que planeamento “é uma prática situada significa negar o caráter tecnocrático deste como um instrumental de organização racional, neutro”. (Vieira, 2002, p. 30).

Baseado em pesquisas por meio de inquéritos e entrevistas aos educadores de uma determinada escola pública brasileira, Torres (2006, p. 45) pode constatar que na sua maioria, eles concebem o momento dedicado ao planeamento pedagógico desacreditados, por possuir grande distanciamento entre o desejado e o real.

Já Padilha (2017) concebe a atividade de planejar intrínseca à educação por possuir características que evitam o improvisado, prevendo o futuro e estabelecendo caminhos que podem nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa e ainda ressalta que o planeamento deve prever o acompanhamento e avaliação da ação.

Freire (2008, p. 97) na sua reflexão acerca de educação democrática, associa o planeamento a uma ação participativa, onde o professor com total compromisso como processo de pensar e organizar sua prática possa juntamente aos alunos, criar sua história de grupo.

(...) quando o professor planeja de forma participativa, seu movimento é o de estar aberto à troca de experiências com os colegas de trabalho para a leitura do grupo de suas necessidades e desejos; estar abertos às leituras sobre o que tem de desenvolver com relação a conteúdos específicos e necessários à faixa etária com que trabalha; estar aberto ainda a entrar em contato com seu desejo, para descobrir o que gostaria de descobrir com seu grupo/classe.

Freire (2008, p. 98), ainda aborda alguns questionamentos que o professor deve fazer para facilitar a ação educativa.

- a) Como e quando eu planejo?
- b) Para quê e para quem planejo?
- c) Recorro aos meus registros quando planejo?
- d) Utilizo os resultados da avaliação do ano anterior no momento em que vou planejar?
- e) Quem são os meus alunos?

É nesse sentido que acreditamos que o momento do planeamento deveria ser concebido por todos os educadores que fazem parte do processo educativo, uma perspectiva de melhoramento constante do ato de educar na sala de aula.

Assim, damos sequência as concepções de planeamento sob a ótica de Danilo Gandim, que inicialmente em seu livro, *Planeamento como Prática Educativa* (2014), tece a compreensão de planeamento crítico, como objeto de arquivamento, pois em seu entendimento, muito pouco se executa o que planea e por esse motivo, ainda existe uma descrença muito grande em relação a planejar, por isso, se dá a resistência de muitos educadores para este ato. Também foi analisado o pensamento de Campos (2017, p. 51), neste sentido, postulando que:

O planejamento da escola pública deve garantir as conquistas da reforma no Estado e assegurar as metas para a melhoria da qualidade da educação, sobretudo com flexibilidade de ações que contemple as alterações que precisam ser redefinidas pelo Plano Nacional. A articulação no planeamento educacional, na definição de objetivos, no processo metodológico e na avaliação constitui elementos fundamentais para a integração e a validade do que se pretende no currículo.

César (2011, p. 2) em sua fundamentação, também reflete a concepção de planeamento e ele relata a seguinte compreensão:

O planeamento não deve ser tomado apenas como mais um procedimento administrativo de natureza burocrática, decorrente de alguma exigência superior ou mesmo de alguma instância externa à instituição. Ao contrário, ele deve ser compreendido como mecanismo de mobilização e articulação dos diferentes sujeitos, segmentos e setores que constituem essa instituição e participam da mesma.

Hamze (2017), define o planeamento como “principal ferramenta de trabalho do professor. É o fio condutor da ação educativa”. E de acordo com seu entendimento,

existem duas concepções do planeamento, que são: funcionalistas e dialéticas. A concepção funcionalista para Hamze (2017, p. 1):

é a tradicional no ensino, sendo um instrumento de poder. A concepção dialética tem no planeamento a práxis que surge da realidade. Nele são congregados aspectos históricos, políticos, sociais e económicos. Ao mesmo tempo consolida tarefas e saberes críticos, criativos, reflexivos, transformadores.

Mediante tais análises e com os olhares atentos às concepções de cada um dos supracitados, refletiremos como realmente o planeamento deve ser concebido no contexto atual.

CAPÍTULO II: A ESCOLA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DOS SABERES

2.1. Contributos do Planeamento no processo de ensino aprendizagem

O planeamento requer uma fundamentação que possa proporcionar e auxiliar as ações de ensino-aprendizagem presentes na formação do educando. Dessa forma, a reflexão que vai entre a política e o planeamento, vem nos esclarecer sobre a existência de articulações que permitem inserir a realidade dos sujeitos aos da comunidade escolar. (Vieira et al., 2002). Ligado a essa premissa, Assman (2012, p.71) refere que

A relação pedagógica dialoga com os processos cognitivos do/da aprendente, enquanto unificados com seus processos vitais. Isto envolve de fato a corporeidade inteira, porque toda aprendizagem é um conjunto de processos corporais. Mas não há dúvida de que a relação pedagógica lida com o mais íntimo do funcionamento auto-organizativo da parte mais complexa do organismo humano.

É esse diálogo entre a relação pedagógica e o educando que nos permite verificar, conforme exposto pelo autor, o processo de aprendizagem em consonância com a corporeidade do aprendente, onde o educando tem uma gama de possibilidades que venham a favorecer e complementar o seu aprendizado. Nessa linha, Vieira et al. (2002, p. 108), reafirmam o papel do plano escolar, a sua organização e a sua importância no cenário educacional.

O Plano Escolar, traduzido como projeto pedagógico ou projeto político-pedagógico, ou proposta pedagógica da escola a que se refere a LDB, passa a ser visto como um instrumento de ajuste ao processo avaliativo da escola hoje; um documento político, exigido formalmente da escola, que faz parte do conjunto de política educacional. Descentraliza-se o gerenciamento operacional e cobram-se resultados efetivos e eficácia do processo escolar.

Assim, Assman (2012, p. 73), vem postular que “as pontes desse conjunto de conceitos com a educação ficam mais evidentes quando se começa a sentir as consequências que eles têm, para o dia a dia das relações pedagógicas”. O pressuposto fundamental é que a complexidade auto-organizativa da vida é a necessária metáfora-guia para analisar as formas complexas da construção do conhecimento.

Menegolla et al. (2014) nas suas reflexões sobre o processo educativo, conseguem idealizar uma educação para o sujeito de forma mais profunda, uma educação onde o homem possa através dela, superar os obstáculos da própria existência, que consiga se libertar, lançando-se para o futuro corajosamente, com lucidez, autonomia, capaz de escolher seus próprios caminhos.

Acredita-se que esta é uma educação desejada por educadores compromissados não só com sua profissão, mas acima de tudo, com a formação de uma sociedade digna, mais justa, com seres pensantes e não alienados. Pois, nessa linha que Menegolla & Sant'anna (2014) demonstram grande preocupação com determinados tipos de educação planeada de forma rígida e inflexível capaz de robotizar o próprio homem, tornando-o distante da realidade, com pouca oportunidade de superação.

Diante do exposto, percebemos que os autores supracitados, defendem uma ideia de educação libertadora, excluindo certos assuntos determinados, propostos por sistemas políticos ou por certas ideologias, pois para ambos, este modelo de educação impede o educando de tomar suas decisões e fazer suas escolhas pessoais de forma a bloquear o seu crescimento e evolução enquanto homem. Desta maneira, Menegolla & Santa'anna (2014, pp. 23-24) acreditam que:

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque a educação não é um processo, cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos decorrentes de uma ação puramente mecânica e impensável. Devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem, não lhe impondo diretrizes que o alheiem, permitindo, com isso, que a educação ajude o homem a ser criador de sua história. O planeamento educativo não significa estabelecer o definitivo, através da determinação de finalidades educativas, as quais, por sua natureza, absolutizam os valores que o homem aceitar, sem possibilitar-lhe a própria escolha e criação de novos valores.

É nessa perspectiva que os autores compreendem que educação deve prosseguir e que para que seja bem sucedida, os educadores ao planear suas ações para sala de aula, devem estar cientes de que o planeamento, além de outros fins, serve para que professores e alunos conjuntamente “desenvolvam uma ação eficaz de ensino aprendizagem” (Menegolla, Santa'anna, 2014, p. 43).

Portanto, segundo os autores, os maiores interessados do planeamento do professor seriam os alunos e que os mesmos, deveriam fazer a exigência do plano, visto que, de acordo com o raciocínio de Santos & Perini (2013, p. 5) “o planeamento é de extrema importância para que o professor possa pensar na avaliação, promover o desenvolvimento do aluno”.

Com estas definições sobre o planeamento para sala de aula e voltados para os alunos, eles fizeram uma intensa reflexão, a qual nós consideramos muito interessante. Entendemos a importância de acrescentar neste trabalho, mais um pensamento de Santos & Perini (2013, p. 5):

planejar é o ato de organizar ações a fim de que estas sejam bem elaboradas e aplicadas com eficiência, se possível, nos momentos relacionados da ação ou com quem se age. Por isso, para planejar bem é necessário conhecer para quem se está planejando, no caso, o professor deve conhecer a turma com que trabalha e mais, o aluno com quem trabalha. Quanto mais se conhece, melhor se planeja e se obtêm melhores resultados.

Os autores ainda fazem uma crítica a forma que os setores pedagógicos conduzem os momentos do planeamento, enfocando que estes setores não devem determinar uma única forma de planeamento, visto que nem todos os professores e nem todos alunos são iguais. Mas o interessante é que, de acordo com as nossas experiências nesta área pedagógica, este é um questionamento que há tempos vem permeando os encontros pedagógicos, porém numa perspectiva de turmas, por compreender que ainda existem professores que planeam igual para todas as turmas do mesmo ano, como se todas elas possuíssem o mesmo perfil, isto quando realmente realizam o planeamento.

A observação dos autores é muito válida para reflexão, principalmente, daqueles que mediam o planeamento junto aos professores e é vista por nós como algo positivo para mudança de postura frente a ação profissional. É satisfatório também, perceber que os autores apresentam as mesmas preocupações em relação aos alunos, sinalizando que, cada professor possa escolher um modelo de planeamento de acordo com suas reais necessidades e conseqüentemente, as dos alunos. Para que isso aconteça, eles sugerem que mesmo sob orientações e propostas de planeamento dos setores pedagógicos, o professor faça o seu plano condizente para cada turma específica. Assim, Holanda (2003, p. 19):

Podemos definir o planeamento como a aplicação sistemática do conhecimento humano para prever e avaliar cursos de ação alternativos, com vista a tomada de decisões adequadas e racionais, que sirvam de base para a ação futura. Planejar é decidir antecipadamente o que deve ser feito, ou seja, um plano é uma linha de ação pré-estabelecida.

Essa sugestão nos faz lembrar a época da graduação, onde logo na primeira semana de aula, cada educando recebia em mãos a ementa de cada disciplina para que fosse possível acompanhar as aulas de cada docente e ao mesmo tempo, alguns deles faziam negociação com a classe, quais conteúdos seriam mais interessantes, por onde começar primeiro e se alguém gostaria de acrescentar algo. Realmente esse tipo de postura causava uma sensação de valorização e respeito a cada um dos presentes na turma. Em se tratando das escolas públicas municipais, particularmente falando do município em destaque, essa sugestão anda longe se tornar real, não porque sejamos contra, mas pelo motivo que a escola pesquisada e suponhamos mediante experiências vividas, que o município ainda tenha um grande desafio pela frente que é consolidar coletivamente, o planeamento pedagógico.

2.2. O coordenador pedagógico e a sua importância na construção do planeamento no acompanhamento das práticas educativas

O coordenador pedagógico assume um papel de extrema importância no contexto educacional de uma escola. É ele que irá apreender os vínculos entre a autonomia escolar e a participação dos educadores na construção do planeamento educativo. E é nesse pressuposto que se percebe a escola como “parte do corpo social e que tem um papel importante na formação de comportamentos mutantes, na crítica e na superação de práticas autoritárias, desenvolvendo uma cultura de participação, de decisões coletivas.” (Azevedo, 2010, p. 151). Vasconcelos (1995, p. 77) também defende que

O orientador pela acolhida e diálogo franco pode ajudar o professor a interpretar os signos, as várias – complexas e, por vezes, contraditórias e doloridas – manifestações da existência e do trabalho. A grande busca humana é a de atribuição de sentido; quanto isto falta, o sofrimento advindo de uma determinada situação que se está vivendo é ainda maior.

Já na visão de Orsolon (2006), o coordenador pedagógico atua dentro do âmbito escolar como um agente de transformação, capaz de desencadear um processo de

mudança, fundamentado através do PPP, criado coletivamente. Compreende ainda que, tal qual a ação do professor, a ação do coordenador, traz subjacente um saber fazer, um saber ser e um saber agir atrelado com as dimensões técnica, humano-interacional e política.

Orsolon (2006, pp. 18-20), aponta ainda alguns aspectos que considera como ações ou atitudes do coordenador, desencadeadora de um processo de mudança, são elas:

- a) Promoção de um trabalho de coordenação em conexão com a organização/gestão escola.
- b) Realização de um trabalho coletivo, integrado com os atores escolares .
- c) Desvelar a sincronicidade do professor e torná-la consciente.
- d) Investimento na formação continuada do professor na própria escola.
- e) Propor práticas curriculares inovadoras.
- f) Estabelecer parceria com o aluno: incluí-lo no processo de planeamento.
- g) Criar oportunidade para o professor integrar sua pessoa a escola .
- h) Procurar atender às necessidades reveladas pelo desejo do professor
- i) Estabelecer parceria de trabalho com o professor .
- j) Propiciar situações para o professor .

Para Padilha (2017, p. 87), o coordenador pedagógico “exerce uma responsabilidade da maior relevância durante todo o processo, desde a fase de organização das reuniões de planeamento das atividades pedagógicas da unidade escolar até a execução, desenvolvimento e avaliação do projeto da escola”, pois segundo ele, a equipa docente é norteadora por este profissional, em torno do melhor cumprimento do que já fora previamente estabelecido no grupo.

Segundo Freire (2008), os sujeitos utilizam papel e função como palavras sinônimas, mas a autora diverge dessa opinião, fazendo distinção entre as duas, pois para ela, *Papel* tem relação com as atribuições que recebemos, enquanto que, *Função* está associada as atividades ou ações que realizamos, contudo, as duas não caminham sozinhas, elas estão entrelaçadas entre si.

A autora aborda que, para falar da função do coordenador pedagógico, deve fazer sob dois aspectos: o genérico e o específico. O primeiro diz respeito “ao trabalho de continuidade de formação do professor, no sentido amplo.” Já o segundo, diz respeito “

ao processo do eixo de pessoa do professor. Qual é sua história de vida? Quem ele? Como ensina? Como aprende? Qual é o seu modelo de aprendizagem?” (Freire, 2008, p. 88).

É interessante salientar que na prática, a função do coordenador pedagógico vai muito além da formação continuada do professor, pois esse profissional assume múltiplas tarefas, por vezes muito além da sua função. Também ressaltamos que no aspecto específico que autora se refere, concordamos plenamente, pois assim como há uma exigência para que o professor conheça seus alunos, nada mais coerente que o coordenador conheça a história de vida de cada um dos professores com os quais trabalham.

Em sua pesquisa científica, Almeida et al. (2010, p. 40), trazem um contributo importante por sinalizar o papel do pedagogo na pessoa do coordenador pedagógico no cumprimento do seu papel no cotidiano escolar sob a visão de que diz:

Caberá a este profissional trabalhar na direção de coordenar as ações necessárias para a garantia do processo de ensino- aprendizagem e não mais direcionar suas ações para o controle do trabalho dos professores. Assim, com relação ao processo de ensino-aprendizagem o pedagogo deve ser entendido como cúmplice do professor, ou seja, suas ações podem contribuir, ou não, para a realização da função da escola: a socialização do conhecimento científico.

É possível percebermos através dos pensamentos desses teóricos, o quanto é importante a função do coordenador pedagógico na figura do pedagogo, porém não gostaríamos de menosprezar o prestígio que cada docente possui no seu fazer pedagógico. Contudo, acreditamos que durante sua formação acadêmica, o pedagogo foi preparado para possuir uma visão holística, acerca de tudo que acontece ao seu redor, sempre numa perspectiva de colaboração e transformação.

Em consonância com essa ideia, Fazenda (2005), relata que mesmo sendo formado em Biologia, se baseava no pensamento de Gadotti (1986, p. 87), que dizia que

O aluno perde o interesse diante de disciplinas que nada têm a ver com a sua vida, com suas preocupações. Decora muitas vezes aquilo que precisa saber (de forma forçada) para prestar exames e concursos. Passadas as provas, tudo cai no esquecimento.

Nesse sentido, buscando um fazer pedagógico diferente, ele mesmo, que fosse de maneira intuitiva procurava articular o conteúdo transmitido com o vivido, ou seja, com o mundo real.

Porém, apesar dele já pensar desta forma, sentia necessidade de se aperfeiçoar mais ainda na Educação para poder contribuir significativamente no universo escolar onde resolveu se graduar em Pedagogia e mais tarde, se tornar um Coordenador Pedagógico.

Com isso, Fazenda (2005, p. 59) vem complementar que foi neste cargo que ele “teve a oportunidade de observar vários colegas mais de perto na sua prática docente e vivenciar as dificuldades que muitos sentiam nessa prática, ainda que dominando o conteúdo específico da sua área”. Faltava-lhes destreza em seu ato pedagógico, principalmente no relacionamento professor aluno. Portanto, a sua necessidade de fornecer suporte didático-pedagógicos aos professores, fez com que seu aprofundamento dos estudos das questões pedagógicas assumisse uma posição muito importante em sua vida.

2.3. A formação continuada como contributo para a melhoria do planeamento, práxis pedagógicas e construção dos saberes.

Como o próprio título sugere, a formação continuada é uma das atribuições do coordenador pedagógico de extrema importância, visto que a mesma visa atender as necessidades dos educadores no seu fazer pedagógico, porém para Freire (2008, p. 88), realizar esta atribuição “é um dos primeiros desafios com que se depara”, pois o coordenador pedagógico teria que formar grupo de professores, mesmo sabendo que muitos tem dificuldades ainda em se agrupar.

Concernente à essa questão, é preciso enfatizarmos que o coordenador pedagógico deve estar preparado para enfrentar os desafios, pois faz parte das suas atribuições incentivar os educadores a prática da reflexão sobre os métodos de ensino, tal qual, a busca de valorização profissional que se dá por meio da formação contínua. Corroborando com esse pensamento Gabriel (2011, p. 73) defende que:

[...] a reflexão sobre a reflexão-na-ação reconstrói crítica e sistematicamente o conhecimento do professor, em nível conceitual, analítico e epistemológico, exigindo seu distanciamento para que melhor compreenda as relações que pôde estabelecer como processo ensino aprendizagem no espaço escolar as características de sua ação e os processos vividos.

Almeida et al. (2010), em sua pesquisa científica aponta as ideias de Leite et al (2010, p. 2), ressaltando a importância da formação contínua, bem como do conteúdo da mesma, que deve estar sempre relacionado a melhoria da prática docente, pois, de acordo com os autores:

Um professor bem formado, motivado, com condições de trabalho adequadas e envolvido em um processo de formação contínua, que lhe forneça elementos para a constante melhoria de sua prática, é o elemento mais importante para a educação de qualidade.

Acrescentamos ainda, a este fator, um planeamento bem estruturado para a elevação desta qualidade. Na mesma linha de raciocínio, os autores enfatizam que, a contribuição do pedagogo à qualidade do trabalho docente pode ocorrer de diferentes maneiras, mas destacam o papel específico do pedagogo na organização dos processos de formação continuada realizados no interior da escola, Almeida et al (2010, p. 58) referem que:

A importância da formação continuada articula-se à compreensão da natureza do trabalho docente relacionada à questão do conhecimento. O trabalho do professor insere-se no âmbito da produção e socialização do saber, do conhecimento produzido historicamente e coletivamente pelos seres humanos na medida em que estes produzem as condições materiais da sua existência (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Neste sentido, o professor necessita estar constantemente estudando e a formação continuada, compreendida na perspectiva da atualização histórico-cultural é condição implícita para que a função social da escola se realize garantindo a efetivação do processo ensino-aprendizagem.

Já Chimentão (2009), em seu artigo científico, aborda a formação continuada numa perspectiva de urgência, busca de conhecimentos e atualização profissional, pois atrela a este, as constantes mudanças da era da informação, pois a autora faz uma crítica condizente ao ambiente escolar. Segundo ela, tudo na sociedade atual avança, se transforma, mas a escola ao contrário, nada muda e quando acontece, ocorre de forma

muito lenta e ainda desinteressante para os educandos. Assim, Silva & Oliveira (2014, p. 75) vem complementar que:

(...) para ser um professor com ações de qualidade faz-se necessário que se tenha uma formação, também de qualidade, bem como é necessário saber relacionar socialmente, interagir, entender a criança e sua especificidade, ter ações de trabalho coletivo, lidar e saber trabalhar com a diversidade, entender de gestão (mesmo que superficialmente) e trabalhar de maneira lúdica e interdisciplinar.

Nessa linha, ainda podemos verificar em Chimentão (2009, p. 3) que:

A formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos.

Já Abrucio (2014), no seu livro: *Formação de Professores no Brasil*, faz um resumo acerca da necessidade da Formação do educador, tanto a formação inicial, quanto a continuada ou em serviço, como também é conhecida no Brasil. Ele analisa sob o cenário da educação no contexto atual, referentes a alguns aspetos que se torna urgente o repensar a educação no sentido de melhoria da qualidade da mesma, não só ao que se refere ao aprendizado dos alunos, mas o processo que cria tais condições e principalmente, o capital humano que se traduz na criação de uma sólida carreira de magistério, com professores bem formados e profissionalizados.

Para o autor, o principal meio de atingir esse objetivo é através da formação e aperfeiçoamento dos docentes, seja dos que vão entrar na carreira, seja dos que estão nela. Ele afirma que esse tema ganha relevância no Brasil, devido a quatro fatores:

Em primeiro lugar, porque os resultados ruins nos exames nacionais e internacionais mostram que é preciso melhorar o ensino público;

Em segundo, porque é preciso considerar a provável aposentadoria de um grande número de professores nos próximos anos [...]

O terceiro fator tem a ver com o contexto das reformas que devem ser impulsionadas pelo Plano Nacional de Educação (PNE), que se casam com a temática da formação dos professores, porque dependem da melhoria do capital humano que chega às escolas e podem favorecer mudanças nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas.

Por fim, vários governos pelo mundo-países e entes subnacionais, como na experiência norte-americana – estão fazendo reformulações na formação docente tanto inicial quanto na continuada. O Brasil pode aproveitar o momento para dialogar com essas reformas, aprender com algumas medidas e adaptá-las a realidade local. (Abrucio, 2014, p. 12).

Ressaltamos que nesse último tópico, concordamos parcialmente com Abrucio (2014), porque cada país possui a sua realidade e acreditamos que em se tratando de educação, pouco provável sermos assertivos em tentar adaptar outras realidades ao do Brasil, a começar pela desvalorização desse profissional acentuadamente no nosso contexto. A exemplo, temos vastas experiências de modelo de educação expostas no livro didático dentro do próprio país, totalmente pensada para regiões sul e sudeste que não condiz com as demais regiões.

Uma questão que não podemos deixar de abordar, e que tem muita relevância referente a formação continuada, é os avanços tecnológicos que de acordo com Lima (2017), apesar de que sua obra não esteja diretamente ligada ao tema discutido, ele salientou as necessidades dos alunos e professores se adequarem a esta não tão nova realidade.

No livro, o autor lembra de um acontecimento em Portugal entre o ano de 1997-2001, onde implantaram o projeto Minerva nas escolas, dando acesso aos alunos à nova tecnologia, através dos centros de recursos, mesmo considerando positivo essa ideia, Lima (2017), destaca algumas fragilidades do projeto e uma delas foi o facto que a maioria dos professores não estavam preparados para esta realidade e que muitos deles nem tinham dinheiro para comprar o novo recurso. Em relação a esse novo olhar para um planeamento pedagógico que contemple o tecnológico, a atualização dos profissionais da educação, é necessária e urgente. Assim, para Silva & Oliveira (2014, p.74)

Em virtude das transformações sociais, do uso da tecnologia, da velocidade em que a comunicação caminha, é que se faz necessário a atualização, o aprofundamento na área em que atua, bem como a mediação da cultura e dos 75 valores de seus alunos e da comunidade em prol do saber, afinal através do domínio de conteúdo, saber dar aulas como também administrar sua turma avaliando corretamente é que fortalece o professor para enfrentar situações que enfrenta no seu dia a dia.

A respeito desse facto, o autor ainda ressaltou que: “é verdade que nem todas as escolas sofreram melhoramentos estruturais, mas também indesmentível que muitos professores não estavam preparados para muitas dessas mudanças” (Lima, 2017, p. 165). Não tão distante, algo parecido ocorreu nas escolas do município de Camaçari, Bahia – Brasil por volta de doze anos atrás, onde as escolas foram informatizadas e cada professor ganhou um computador para que pudessem planejar as suas aulas e a formação foi oferecida no período de folga dos professores e aos sábados, porém muitos resistiram e não se sentiram no dever do cumprimento da função em participar da formação.

Pouco avançou neste sentido e muito pouco ainda, são os professores que utilizam esses recursos para ministrar suas aulas na atualidade. Essa foi uma questão bastante debatida naquele período, pois os computadores já se encontravam nos laboratórios das escolas. E o que fazer? A secretaria de educação da época, juntamente com a secretaria de governo, abriu concurso público para monitores de informática e cada escola teve autonomia para ver a melhor forma de utilização dos recursos tecnológicos e fazer com que os educandos interagissem com esses recursos.

A ideia inicial foi que pelo menos os professores pudessem planejar suas aulas interdisciplinar, com os recursos tecnológicos, mas não deu certo em muitas escolas, pois no dia e hora agendada para cada professor levar a sua turma ao laboratório de informática, eles não permaneciam cinco minutos e deixavam os alunos sob a responsabilidade do monitor. Percebendo que nenhuma atitude que a escola tomava, influenciava na mudança de comportamento do grupo docente, actualmente em poucas escolas, o laboratório funciona apenas com aulas específicas da informática básica (digitação, word, excel e power point) no turno posto de aula dos educandos.

Ressaltamos que durante o período de elaboração do concurso, o laboratório era disponibilizado aos alunos para pesquisa de determinada disciplina. Também se fez necessário relatar este acontecimento, para sinalizar o quanto se faz necessário uma formação continuada e uma mudança de postura de alguns profissionais da educação.

Quanto a esta abordagem, Lima (2017, p. 166), diz que “é urgente mudar. A mudança deve passar não só pelas práticas pedagógicas, pelas mentalidades e pela forma

como encaramos as funções que a Escola desempenha na sociedade atual, mas também pelo próprio espaço de aprendizagem e pela forma como este é organizado”

2.4 O papel da Escola e Secretaria de Educação no acompanhamento e avaliação do planeamento

Aparentemente, o acompanhamento e a avaliação parecem ser tarefas fáceis, mas na verdade, não são tão simples assim, até porque de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), todo o contexto educacional, mesmo cada município tendo sua base de autonomia na construção dos planos municipais de educação (PME), os mesmos precisam estar em consonância com o PNE, tendo sua vigência a cada dez anos, o qual tem força de lei no cumprimento da função de articular sistema Nacional de Educação em regime de colaboração.

Como foi exposto anteriormente, existe uma relação bem intrínseca entre os planos, pois para que haja sucesso do PNE, todos os demais planos devem estar alinhados: PNE, PMEs e PEEs – Plano Estadual de Educação, pois estes documentos, juntamente com a Constituição Federal e a LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estipulam diretrizes, estratégias e metas nacionais, principalmente no que dizem respeito as etapas obrigatórias de educação nacional. A verdade é que em se tratando de educação, todos esses planos exigem o compromisso e envolvimento de todos, sociedade e governos, pois, para Tavares & Abranches (2012, p. 128) :

A democratização da gestão da educação resguarda-se na formação discursiva que pressupõe o desenvolvimento de ações colegiadas, através da participação dos sujeitos sociais nos processos educativos. Com efeito, o processo de democratização tem sido respaldado por princípios fundamentais, como participação social (cidadã), autonomia e descentralização.

Cabe ressaltar, que o foco principal é o PME, por ser este representativo do município e como o próprio nome revela, compete a todos fazer parte da construção do mesmo, envolvendo não só o gestor da rede de ensino, mas como um conjunto de instituições dos governos com participação ativa da sociedade.

Como foi abordado anteriormente, todo o processo de planeamento deve estar atrelado ao PME, mas isso não desconsidera as autonomias da Unidade Escolares (UEs) nas construções de seus respectivos planos, porém há um detalhe que deve ser enfatizado: “os insumos necessários para execução dos planos de educação terão de constar nos orçamentos da União e dos Estados para que apoiem técnica e financeiramente ao longo de década” (PME, 2017, p. 8).

Partindo da premissa do orçamento investido, a divisão de responsabilidades, entre essas, os responsáveis pelo monitoramento e avaliação de maneira que possa assegurar a “transparência e controle social do plano” (PME, 2017, p. 2). Essas avaliações podem ser anual, trienal, a depender da decisão da equipa, não deixando para ser somente avaliada ao final de cada ano.

Em se tratando de acompanhamento, nossas vivências profissionais revelam que tanto a Secretaria, quanto as unidades escolares, isto é, em relação ao município de Camaçari, devem estar alinhados, principalmente no sentido de constatarem se as metas previstas no PME e PNE estão atingindo resultados positivos. Nesse ínterim, a Secretaria de educação forma sua equipa de coordenação setorial I, que entre outras atribuições, deve acompanhar como ocorrem os planeamentos dentro das unidades escolares, como também, os resultados alcançados.

Ainda em relação ao acompanhamento e avaliação, é relatado que são organizados encontros bimestrais, ou seja, ao final de cada unidade do processo ensino aprendizagem, incluindo as avaliações, onde nestes encontros cada coordenação tem seu horário marcado com a equipa setorial, para apresentar todos os demonstrativos da escola em termos de planeamentos, projetos, ações diversas, desafios encontrados, não deixando de documentar em relatórios e por meio de gráficos de resultados. Informações estas que puderam se constadas nas informações prestadas pela gestão da escola pesquisada. Nesse processo de contribuição coletiva da escola, nos remeteu ao pensamento de Parente (2011, p. 83) que salienta que:

Os sistemas de ensino, bem como suas escolas, ao requererem para si uma autonomia estarão se comprometendo com posturas essencialmente democráticas, compartilhando obrigações e responsabilidades, decidindo e administrando coletivamente, na medida em que perceberão o

contexto e definirão ações, a partir dos sujeitos participantes desse coletivo, numa perspectiva de administração colegiada, o que ajudará bastante na construção dos planos de vida, de trabalho da escola e, conseqüentemente, dos sujeitos partícipes desse processo.

Padial (2015) em seu artigo, escreveu sobre alguns procedimentos para avaliar se as ações planejadas para as unidades escolares, estão sendo significativas para escola, para isto, a autora ouviu alguns gestores e especialistas para averiguar quais são os mecanismos utilizados para avaliar o desempenho das ações desenvolvidas nesse contexto. Assim, socializou algumas falas com sugestões bem pertinentes, são elas segundo Padial (2015, p. 4):

É hora de olhar para a produção dos estudantes, os dados relacionados ao desempenho escolar, o trabalho desenvolvido pelo professor e as condições oferecidas pela instituição”, alerta Dayse Gonçalves, coordenadora pedagógica da Escola Carlitos, em São Paulo.

De acordo com a fala de Campos (2015, p. 1), pesquisadora do Observatório da Prática Docente, da Universidade Católica de Santos (Unisantos), o gestor deve juntamente com o coordenador pedagógico:

Analisar os indicadores de aprendizagem - Uma semana é um bom tempo para diretor e coordenador pedagógico trabalharem juntos no levantamento de dados de aprendizagem – que inclui os índices de evasão, de aprovação e reprovação e distorção idade-série – e na retomada das metas estipuladas para essa área. As avaliações externas e internas podem servir de base para essa reflexão. Por meio delas, é possível identificar os conteúdos em que a garotada apresenta mais dificuldade. Os portfólios individuais, com produções e atividades desenvolvidas ao longo dos últimos meses, também são instrumentos ricos em informação e permitem reconhecer o caminho percorrido por cada um.

Já Barbosa (*cit in* Padial 2015, p. 2) consultora de gestão escolar, sugere que:

Observar as condições oferecidas pela escola - Avalie, também, a situação dos espaços escolares, todos eles considerados ambientes de aprendizagem. Um banheiro em boas condições contribui para a segurança dos estudantes e os ensina sobre higiene e conservação do patrimônio. Além desses aspectos ligados à manutenção predial, é necessário estar atento ao uso que se faz desses lugares. Áreas como a biblioteca e a sala de informática precisam contar com um cronograma organizado. Verifique, portanto, como e com que frequência elas vêm sendo aproveitadas e estabeleça metas e ações para aprimorar essas atividades, caso seja necessário.

Deyse (*cit in* Padial 2015, p. 3) observa que é preciso:

Refletir sobre as estratégias didáticas - É o olhar combinado para tudo isso que dá ao coordenador a possibilidade de identificar os pontos fortes e fracos de sua equipa e ajustar o planeamento das ações formativas para os meses seguintes.

Dalben (*ibidem*, p. 3) pontua que é necessário:

Olhar para o trabalho da equipa gestora - Nesse momento de analisar todas as dimensões da escola, é fundamental a gestão incluir no pacote uma reflexão sobre suas próprias ações. Afinal, de que maneira suas práticas têm contribuído para que os alunos atinjam os objetivos de aprendizagem? [...] para realizar essa reflexão vale considerar os diversos âmbitos de atuação. Entre eles estão a relação com a comunidade interna e externa, a formação em serviço, o acompanhamento do desempenho dos alunos, a realização de reuniões com a equipa e o monitoramento dos projetos institucionais.

Campos (*cit in* Padial 2015, p. 4) também dá a sua contribuição para o processo de acompanhamento e avaliação da escola sugerindo que é importante não esquecer de:

Envolver os demais segmentos no processo avaliativo - A comunidade deve estar alinhada em relação ao que se espera alcançar em termos de aprendizagem. Por isso, é preciso pensar em diferentes estratégias que permitam a todos identificar os avanços alcançados. Para os docentes, vale organizar uma reunião para, com base em dados levantados previamente, retomar tudo o que foi feito, compartilhar o andamento das situações didáticas e os ajustes necessários e socializar as boas práticas. Já os pais, podem receber um questionário sobre o desenvolvimento da criança, a participação deles nesse processo e as ações da escola.

A pesquisadora, alerta que a comunicação não pode se restringir ao preenchimento apenas de questionários, precisando acontecer também por outros meios e em outros momentos.

Essas foram algumas contribuições de gestores, portanto, acreditamos que dentro de suas limitações, cada equipa gestora vem tentando fazer o possível para que a educação supere as dificuldades encontradas no seu cotidiano.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO III: METODOLOGIA – MODOS DE PESQUISA

Neste capítulo, foram definidos os objetivos que versaram a investigação, e posteriormente foi percorrido todo o método investigativo utilizado, bem como, o conhecimento dos participantes envolvidos na pesquisa, através da caracterização da amostragem.

3.1 Objetivos gerais e específicos

3.1.1 Objetivo geral

Compreender a importância do planeamento no cotidiano do docente da Escola Beija Flor, no município de Camaçari – Bahia Brasil.

3.1.2 Objetivos Específicos:

- Analisar como os professores avaliam o Planeamento Pedagógico no cotidiano de suas aulas.
- Esclarecer os diferentes tipos de Planeamento para o contexto educacional.
- Identificar como o planeamento poderá contribuir na produção de saberes dos educandos.
- Verificar de que forma a Secretaria Municipal de Educação acompanha a construção e a realização do Planeamento Pedagógico das escolas.
- Verificar a participação efetiva dos docentes na construção do Planeamento.

3.2 Metodologia da Investigação

A investigação se caracteriza como um Estudo de Caso, que segundo Gil (2010), consiste em uma pesquisa que visa aprofundar de forma exaustiva utilizando poucos objetos de investigação, de forma que permita seu amplo detalhamento. O autor ainda complementa que:

O estudo de caso permite a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) preservar o caráter unitário do objeto estudado; c) descrever a situação do contexto

em que está sendo feita determinada investigação; d) formular hipóteses ou desenvolver teorias e e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamento experimentos. (Gil, 2010, p. 38).

Para Prodanov (2013, p. 60), o Estudo de Caso

(...) consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. São necessários alguns requisitos básicos para sua realização, entre os quais, severidade, objetivação, originalidade e coerência.

Já do ponto de vista da abordagem da nossa investigação, essa se trata de uma pesquisa mista que segundo Creswell (2003, p. 60) se trata de uma abordagem quando se utiliza dados tanto quantitativos quanto qualitativos para tratar um objeto de análise. Assim,

Pesquisa quantitativa: considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc.).

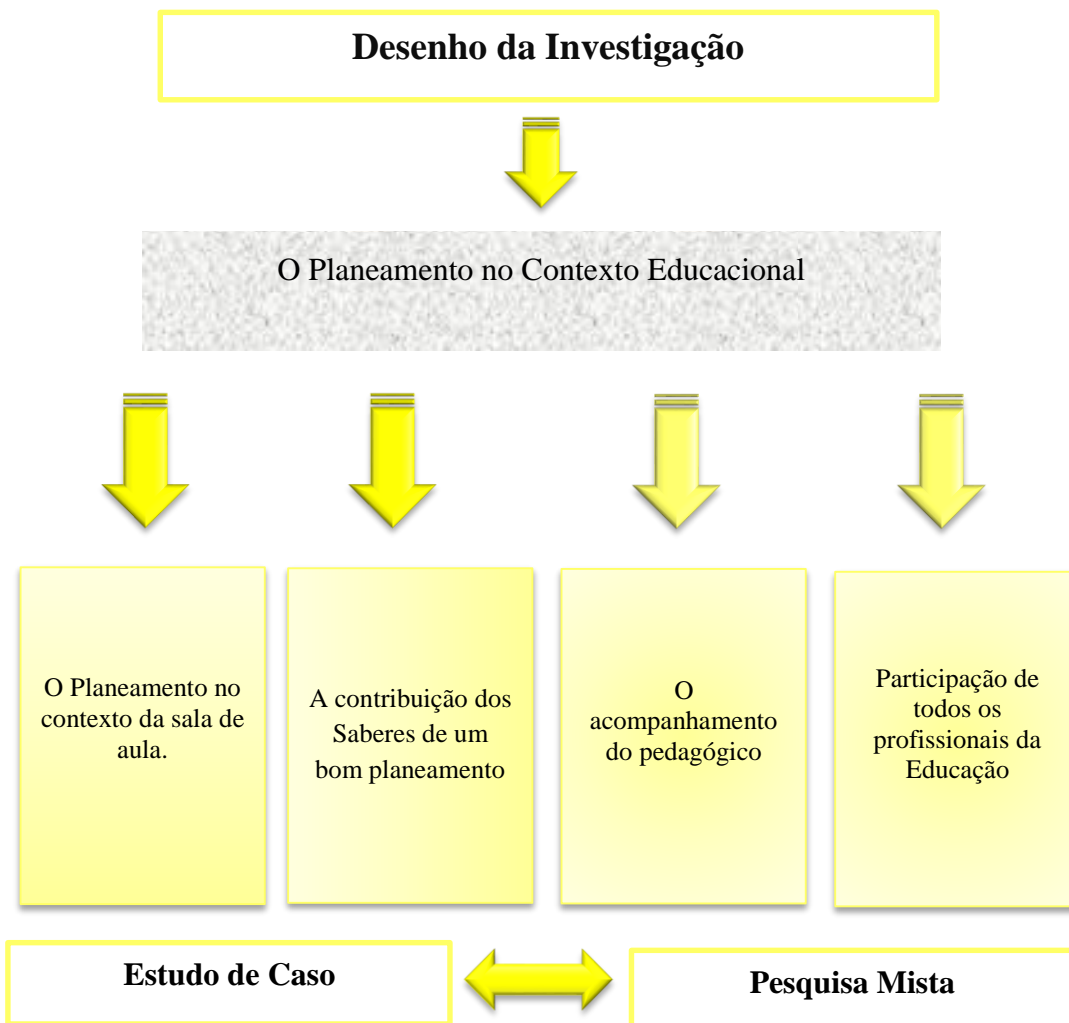
A pesquisa quantitativa vem contribuir com a descrição do objetivo fazendo com que possa ser compreendido as variáveis e os processos que estão atrelados ao objeto.

Nos estudos quantitativos, a pessoa utiliza a teoria dedutivamente e a coloca no início da proposta de um estudo. Com o objetivo de testar ou de verificar uma teoria, em vez de desenvolvê-la, o pesquisador propõe uma teoria, coleta dados para testá-la e reflete sobre sua confirmação ou não confirmação por meio dos resultados. (Creswell, 2010, p. 85)

A coleta dos dados em uma pesquisa qualitativa contribui com uma fonte objetiva e direta, na qual se mantém o contato com o ambiente e o objeto investigado.

3.3 Desenho Metodológico

O desenho metodológico de uma dissertação compõe os meios utilizados para se alcançar o fim ou melhor, o conhecimento científico. Os instrumentos utilizados em uma investigação, segundo Severino (2016, p. 106) “cumpre um roteiro preciso, ele se dá em função de um método”.



A aplicação do instrumental tecnológico se dá em decorrência de um processo metodológico, da prática do método de pesquisa que está sendo usado.

3.4 Contexto Espacial e Socioeconómico da Pesquisa

O Planeamento como ferramenta eficaz no desenvolvimento da prática pedagógica da Escola Municipal Beija Flor, objeto de investigação, foi realizado no município de Camaçari, no estado da Bahia, no Brasil.

Buscando investigar sobre o planeamento como ferramenta eficaz na prática pedagógica que optou-se pela Escola Beija Flor, localizada na cidade de Camaçari no estado da Bahia. Camaçari é conhecida como “Cidade Industrial”, por possuir muitas indústrias. O município conta com 281 mil habitantes, sendo considerado a 5ª maior cidade do estado da Bahia, (Cf. Anexo 5).

Em relação a escola escolhida como amostragem, ela iniciou seu funcionamento em novembro de 2002, para realização de matrícula, sendo inaugurada oficialmente em 19 de março de 2003, atendendo as solicitações da comunidade local e em virtude da constatação do grande deslocamento dos estudantes desta localidade para as escolas vizinhas.

A escola possui como estrutura física: 9 salas de aula; 1 sala da secretaria; 1 sala de reunião; 1 laboratório de informática; 1 sala da direção; 1 sala da coordenação; 1 cozinha; 1 sala de depósito; 4 banheiros, (2 m e 2 f); 1 sala dos professores e 1 pátio aberto.

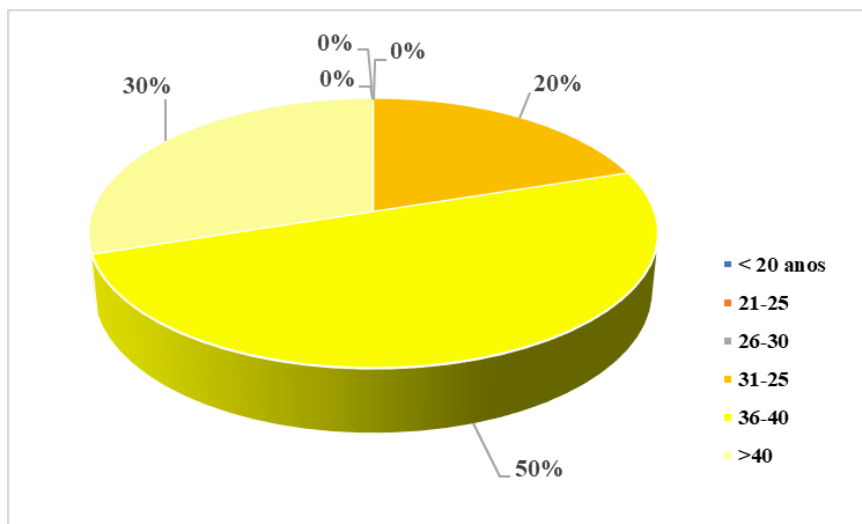
A Escola conta com os colaboradores: 2 coordenadores, 1 diurno e 1 noturno, 1 secretária, 1 diretor, 2 vices diretores, 1 assistente administrativo, 3 auxiliares de disciplinas, 1 monitor de informática, 2 merendeiras, 4 vigilantes e 27 professores, sendo 12 do Fundamental II, 9 Fundamental I e 6 da EJA.

Em relação aos alunos, esses compõem um total de alunos: 622. Distribuídos em 224 matutino, 283 vespertino e 115 noturno.

3.5 Participantes

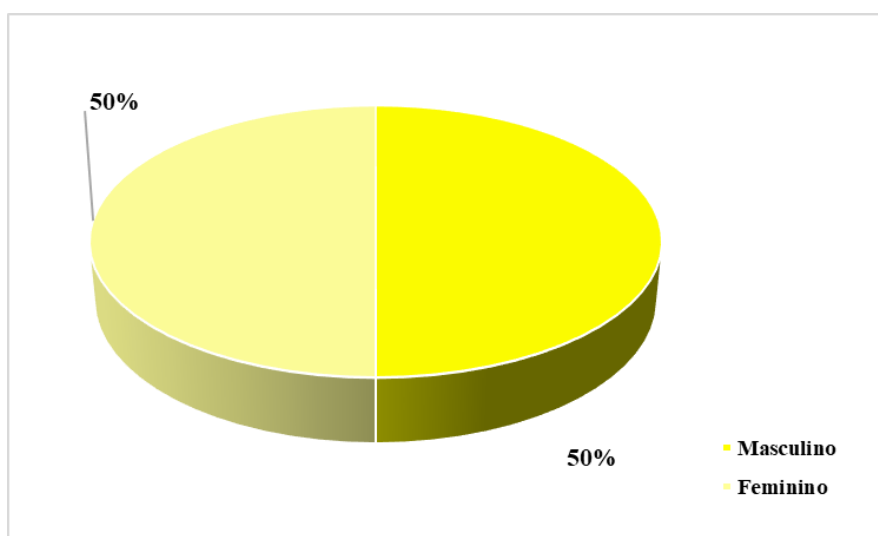
A amostra da nossa investigação contou com a participação de 8 professores, 01 diretor e 1 coordenador, sendo que 2 professores da Escola, se recusaram a contribuir com a investigação e 2 professores estavam afastados por licença médica.

Gráfico 01: Caracterização por Idade



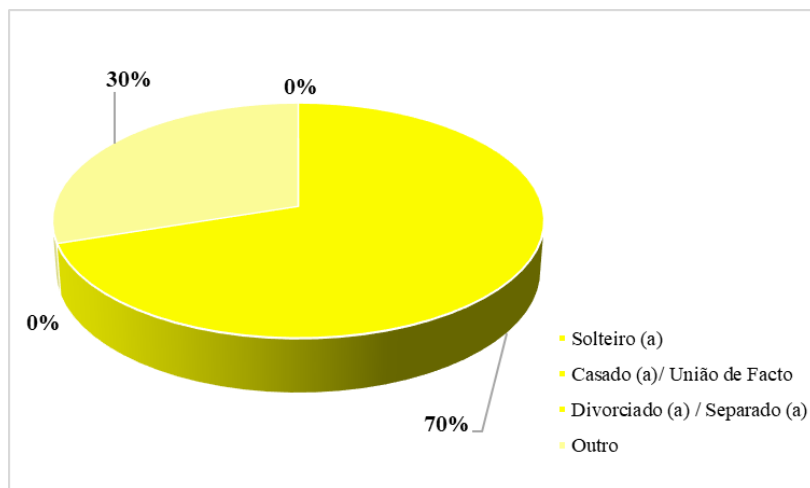
Em relação a idade dos participantes, 50% (5) estão entre 36-40 anos, 30% (3) são aqueles acima de 41 anos e 20% (2) possuem entre 31 e 35 anos.

Gráfico 02: Caracterização por Género



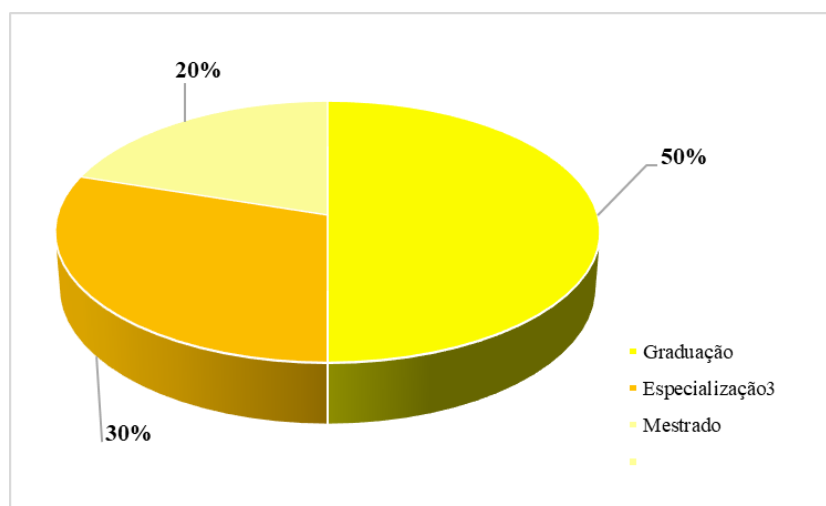
Quanto ao género, temos 50% (5) do sexo masculino, incluindo o Diretor, e 50% (5) do sexo feminino, já contando com a coordenadora.

Gráfico 03: Caracterização por Estado Civil



No que diz respeito ao Estado Civil dos inquiridos, cerca de 70% (7) são Casados (a)/União Estável incluindo o Diretor e a Coordenadora, e 30% (3), correspondem a outro, o que não foi informado o estado civil.

Gráfico 04: Caracterização por Formação Académica



No que diz respeito a Formação Acadêmica, cerca de 50% (5) possuem somente graduação, 30% (3) possuem especialização e por último, 20% (2) possuem o mestrado.

3.6 Técnicas utilizadas

3.6.1 Obtenção de Informações

Para a realização da investigação, foram realizadas algumas visitas à escola participante e com a permissão do grupo gestor, foram entregues os questionários para serem distribuídos a todos os participantes da pesquisa.

O questionário versava sobre o planeamento como ferramenta eficaz no desenvolvimento eficaz na práxis pedagógica, e foi devidamente autorizado tanto pela parte pedagógica da escola, quanto pela parte da gestão. Após esse processo, com o intuito de obter-se as informações sobre a escola e os profissionais da educação (Diretor, Coordenador e Professores), foi exposto todo o objetivo que permeava a investigação e na sequência, foi entregue um envelope no qual todos os participantes deveriam responder às questões propostas.

3.7 Resultados

3.7.1 Questionário elaborado

O guião com as perguntas foi elaborado em duas partes, a primeira refere-se a contextualização e caracterização da amostragem, já a segunda parte, visava atender aos questionamentos propostos na investigação.

3.7.2 Respostas obtidas pelos Professores, a Coordenadora e o Diretor e Discussão dos Resultados

Foram respondidos pelos participantes, cerca de 10 questionários, sendo que em algumas perguntas os respondentes não quiseram expor suas opiniões. As respostas obtidas foram organizadas em tabelas e copiadas na íntegra.

As primeiras questões buscavam contextualizar a amostragem de forma a contribuir com a compreensão da segunda parte, que visava contemplar e aprofundar os questionamentos em torno do tema da pesquisa.

A partir das respostas dadas, foi desenvolvida uma narrativa no sentido de compreender a importância do planejamento no cotidiano do docente da Escola escolhida.

Em relação ao primeiro objetivo: Analisar como os professores avaliam o Planejamento Pedagógico no cotidiano de suas aulas.

Quadro 01: Questão 11 - Você considera o Planejamento Pedagógico importante na sua vida profissional?

SIM	10
NÃO	0

Em relação a importância do Planejamento na vida profissional do educador, coordenador e diretor, percebe-se que unanimemente, os participantes referem-se a essa importância e ainda complementam, conforme a tabela 3.

Tabela 01 - : Questão 11.1. Como você considera essa importância/necessidade profissional?

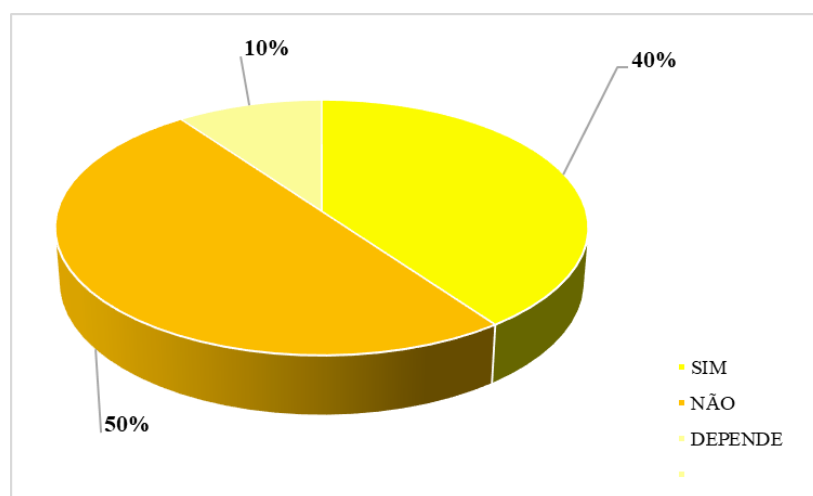
INICIAIS PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	O planejamento norteia o professor em sala de aula;
B- Professor	Porque é a melhor maneira de organizar e executar atividades (...)
C- Professor	Importante para aprimorar a prática(...)
D- Professor	Adequação do conteúdo didático com a realidade (...)
E- Professor	O planejamento dá segurança para executar as aulas (...).

F- Professor	É o tempo onde paramos e planejamos (...)
G- Professor	(...) um instrumento para melhorar a nossa didática.
H- Professor	O educador vislumbra o objetivo proposto.
DIRETOR	Nas aplicações das atividades na sala de aula;
COORDENADOR	O planeamento é essencial para o desenvolvimento do trabalho pedagógico (...).

Unanimamente a resposta para essa questão foi positiva e dentro do esperado, podemos notar nas respostas dos professores A, B e C em consonância com a resposta da coordenadora, pois, não dá para conceber um educador que não tenha o planeamento como algo importante na sua vida profissional. (Lück, 2009) reforça esse pensamento quando ela diz que:

[...] sem planeamento, que organize e dê sentido e unidade ao trabalho, as ações tendem a ser improvisadas, aleatórias, espontaneístas, imediatistas e notadamente orientadas pelo ensaio e erro, condições que tantos prejuízos causam à educação. Sem planejar, trabalha-se, mas sem direção clara e sem consistência entre as ações. Dá-se aula, mas não se promove aprendizagens efetivas; [...]. (Lück, 2009, p. 32)

Gráfico 05: Questão 07 – Você considera suficiente o tempo dedicado ao ato de planejar?



Em relação ao tempo dedicado ao ato de planejar, 50% (5) dos participantes, acreditam que o tempo não é suficiente planejar suas atividades, 40% (4) que acredita ser

suficiente para a elaboração das propostas pedagógicas, enquanto 10% (1) responderam que dependia.

Tabela 02: 7.1 Porquê?

INICIAIS / PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Sim, 2/3 geralmente é um tempo suficiente se houver organização. (...).
B- Professor	Não, devido a elevada carga horária em sala de aula.
C- Professor	Acredito que depende (...).
D- Professor	Não. Geralmente a carga horária em sala de aula é muito extensa para grande parte dos professores;
E- Professor	Não, (...) pois há sempre projetos ou ações coletivas da escola pendentes (...).
F- Professor	o tempo é suficiente mas o sentimento é de que não é tão bem aproveitado (...).
G- Professor	Sim. Neste momento é possível organizar o conteúdo e os objetivos (...).
H- Professor	Não respondeu.
DIRETOR	Sim, a cada 15 dias são 4 horas de planeamento (...)
COORDENADOR	O tempo é limitado (...).

Embora três dos 8 professores responderam sim para esta questão, a exemplo do professor G, porém C pensa que depende. A partir da experiência profissional, acredita-se que quatro horas quinzenais são poucas, visto que, cada docente deverá elaborar seus planos de aulas para quinze dias de aulas, sem mencionar que em muitos desses encontros é necessário transmitir várias informações oriundas da Secretaria de Educação. Também essa afirmativa pode ser analisada na resposta da coordenadora que revela que o tempo é limitado, e na resposta do professor B, justamente por reconhecer toda a demanda de tempo que requer um bom planeamento.

Em se tratando do segundo objetivo, no que se refere a definição sobre o planeamento no contexto educacional, conforme a tabela 3:

Tabela 03: Questão 06 – O que você entende por planeamento no contexto educacional?

INICIAIS / PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Momento dedicado a preparação de conteúdos (...).
B- Professor	Programação para as atividades futuras (...).
C- Professor	(...) desenvolver métodos e estratégias didáticas no sentido de aprimorar o aprendizado dos alunos.
D- Professor	Organização das aulas (...).
E- Professor	Planejar é projetar para o futuro, tendo em vista diversas questões (...).
F- Professor	(...) sem planejar não se pode dimensionar onde se deseja chegar, sem planeamento tudo se torna muito solto e improvisado.
G- Professor	Sistematização do conteúdo da disciplina (...).
H- Professor	Não respondeu.
DIRETOR	Como uma ferramenta para uma boa aula de cada unidade.
COORDENADOR	Momento de construção coletiva para pensar o processo de ensino aprendizagem (...).

No decorrer da pesquisa, foi possível constatar que na área de educação podem ser vistos diversos tipos de planeamento. Mediante as respostas dos educadores inqueridos sobre planeamento, pode ser observado que uns fizeram analogia com o plano de aula, enquanto que outros, associaram ao planeamento pedagógico quinzenal que eles estão habituados, conforme podemos notar pelas respostas dos professores A e D.

Diante o exposto pelos participantes, vale ressaltar que há vários tipos de planeamento dentro do contexto educacional e em relação a pergunta acima tomaremos a compreensão de Menegolla & Sant'anna (2014, p. 46) que acredita que o processo de planeamento nesse contexto é feito em vários níveis bem determinados, segundo eles são:

em nível nacional, estadual ou de um sistema determinado através o qual se definem e estabelecem as grandes finalidades, metas e objetivos da educação, onde deve estar implícita a própria filosofia da educação que a Nação pretende professar.

Podemos dizer que se trata de um planeamento do sistema maior, englobando todas as políticas educacionais a longo, médio e curto prazo, que a partir daí, surgem todos os demais planos. Portanto, na educação planeamento não é somente o de aula, o qual é denominado de plano.

Em relação terceiro objetivo: Identificar como o planeamento poderá contribuir na produção de saberes dos educandos.

Quadro 02: Questão 12 - O planeamento contribui com o sucesso do aprendizado do aluno?

SIM	10
NÃO	0

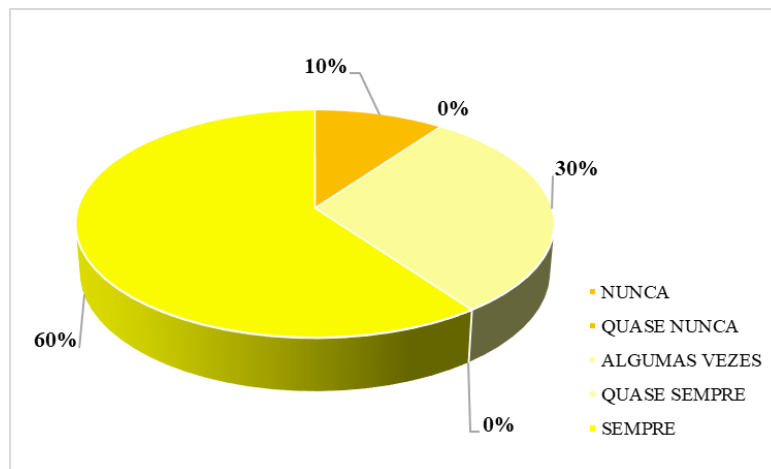
Em relação a esse questionamento, percebemos que o planeamento para todos os participantes, contribui para o sucesso do ensino aprendizagem.

Tabela 04: Questão 12. 1. Como você percebe esse sucesso?

INICIAIS / PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Ocorre uma ordem de conteúdo que facilitam o aprendizado;
B- Professor	Com o resultado, (...) e a participação dos alunos
C- Professor	Através da melhoria no aprendizado dos alunos
D- Professor	Grande parte das vezes, a adequação do conteúdo à realidade do alunado (...)
E- Professor	Quando há um desenvolvimento coerente dos assuntos (...)
F- Professor	É percebido que a organização e planeamento levam os alunos a aprenderem mais (...).
G- Professor	No interesse dos alunos, em aulas que utilizam estratégias diversificadas (...).
H- Professor	De acordo com a necessidade da classe, (...).
DIRETOR	Quando nas avaliações das unidades os alunos não têm dificuldades.
COORDENADOR	Melhoria da qualidade do ensino (...).

A objetividade tem muito a ver com a realidade dos alunos e materiais da escola, já a coerência é a atual relação entre as ideias e as práticas faladas e feitas em sala de aula, ou seja, usadas ou dados exemplos que tenham coerência que se relacionem umas com as outras (ideias-práticas) e por último, a flexibilidade que não é nada mais que ter consciência de que o planeamento escolar pode ser mudado de acordo com algum tipo de situação que possa ocorrer, não é necessário ser sempre inflexível, tudo poderá mudar para melhor atendimento, tanto da parte do professor como dos alunos, porque ao fim de tudo, temos que ter a grande responsabilidade de que nossos alunos saiam prontos para viver o mundo lá fora, extra-escolar, para que possa lidar não só com os conteúdos escolares mas também com as pessoas e situações diferentes em todos os aspetos. (Silva, J. et., 2016, p. 9).

Gráfico 06: Questão 09 – Há a aplicação do Planeamento Pedagógico na prática do ensino aprendido?



Sobre a aplicação do Planeamento Pedagógico no ensino e aprendizagem do aluno, percebe-se que 60% (6) participantes acreditam que quase sempre ele é aplicado, já para 30% (3), ele só é aplicado algumas vezes e 10% (1), respondeu que o Planeamento nunca é aplicado no contexto educacional.

Já o quarto objetivo: Verificar de que forma a Secretaria Municipal de Educação acompanha a construção e a realização do Planeamento Pedagógico das escolas.

Quadro 03: Questão 15 – A secretaria acompanha a realização dos Planeamentos Pedagógicos nas unidades escolares?

SIM	10
NÃO	0
NÃO SOUBE RESPONDER	0

Em relação ao acompanhamento da Secretaria de Educação na realização dos Planeamentos Pedagógicos, todos os participantes relataram que há esse acompanhamento por parte do órgão público.

Tabela 05: Questão 15.1. Como é feito este acompanhamento?

INICIAIS / PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Ainda não pude perceber este acompanhamento pois estou na área de educação há um mês;
B- Professor	X
C- Professor	X
D- Professor	X
E- Professor	X
F- Professor	Não soube informar, talvez através da frequência;
G- Professor	X
H- Professor	Através de gráficos e relatórios apresentados pela coordenação da escolar.
DIRETOR	Através da coordenadora pedagógica com as informações prestada a SEDUC.
COORDENADOR	Em visitas às escolas para conversar sobre o andamento dos planeamentos e das atividades escolares (...).

Nessa questão pudemos perceber uma certa dúvida por parte dos professores e chegamos a conclusão que a gestão não deixa claro para os educadores, como é o processo de acompanhamento, não só do planeamento mas de todo o contexto escolar e fica claro como isso ocorre pelas respostas de H, I e J.

Quadro 04: Questão 16 – A Secretaria de Educação fornece recursos materiais para a realização dos Planeamentos Pedagógicos nas unidades escolares?

SIM	2
NÃO	6
NÃO SOUBE RESPONDER	2

Referente ao fornecimento feito pela Secretaria de Educação de recursos materiais utilizados na elaboração dos Planeamentos Pedagógicos nas unidades escolares, percebe-se que 2 participantes demonstraram existir esse contributo, enquanto 6 afirmaram não existir essa ajuda e 2 não souberam responder.

Tabela 06: Questão 16.1. Quais recursos?

INICIAIS/ PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Não tenho essa informação ainda
B- Professor	X
C- Professor	Não sei informar
D- Professor	X
E- Professor	X
F- Professor	Recursos tecnológicos (data show)
G- Professor	X
H- Professor	X
DIRETOR	Os computadores, internet, data show, etc.
COORDENADOR	X

Também fica claro que os professores não têm informações sobre essa abordagem, necessitando que a gestão/coordenação esclareça melhor este aspeto para o grupo.

Quadro 05: Questão 17 – A Secretaria de Educação realiza Planeamentos Pedagógicos, os quais possam contemplar os professores de toda a rede municipal?

SIM	10
NÃO	0

No que concerne um Planeamento Pedagógico construído pela Secretaria de Educação que visem contemplar os professores da rede municipal de ensino, todos os participantes demonstraram existir essa prática no município.

Tabela 7: Questão 17.1. De que forma são realizados esses Planeamentos?

INICIAIS PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Geralmente nos dias de reserva de jornada.
B- Professor	Através de reuniões.
C- Professor	Nas reuniões de AC (...).
D- Professor	encontros quinzenais por área de atuação;
E- Professor	Por meio de reuniões mensais, divididas por área (...).
F- Professor	Realizados por área em local específico (...).
G- Professor	Atividade de classe em local, chamado Cidade do Saber.
H- Professor	Semanalmente (...).
DIRETOR	Uma vez a cada mês para os professores do fundamental II, por disciplina.
COORDENADOR	Nos encontros de formação (...).

É perceptível mediante as respostas dos entrevistados que a Secretaria realmente promove este planeamento que contemple o encontro com todos da rede municipal. De acordo com as respostas, podemos compreender que este encontro se dá em local fora da escola de acordo com G chamado “Cidade do Saber”, os encontros ocorrem uma vez por

mês, com encontros de educadores da mesma disciplina, cada um em seu dia pré estabelecido.

Tabela 08: Questão 14 - Na sua opinião quais são as fragilidades existentes na realização do Planeamento Pedagógico enquanto Coordenação Setorial? (oriundo da Secretaria)

INICIAIS / PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Ainda não pude identificar essas fragilidades (...)
B- Professor	A falta de recursos;
C- Professor	(...) não pude perceber tais fragilidades.
D- Professor	Discussões desnecessárias; falta de foco (...).
E- Professor	(...) não contemplam as realidades das escolas, as necessidades concretas e prementes.
F- Professor	O distanciamento do docente (...).
G- Professor	Olhar distante da realidade da escola, (...).
H- Professor	A proposta estabelecida não atende a real necessidade da comunidade escolar (...).
DIRETOR	Algumas vezes a falta/atraso de comunicação importante.
COORDENADOR	Pouco professores participam, mesmo sendo algo essencial para sua prática (...).

Mais uma vez as respostas foram divergentes e pertinentes, mas nos chamou atenção quando F, G e H respondem dentro da mesma abordagem que é o distanciamento por parte da Secretaria em relação aos profissionais da unidade escolar e que por muitas vezes, apontaram no planeamento, contextos distorcidos do cotidiano escolar. Outra questão que nos chamou atenção foi quando a coordenadora abordou a questão da não frequência em planeamentos organizados pela própria Secretaria.

Para o quinto e último objetivo: Verificar a participação efetiva dos docentes na construção do Planeamento.

Tabela 09: Questão 18. Na sua opinião, a frequência dos professores está satisfatória no momento disponibilizado para realizar o Planeamento coletivo? Justifique

INICIAIS PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Não tenho essa informação, pois participei de poucos.
B- Professor	Sim, a maioria frequenta.
C- Professor	Acredito que sim.
D- Professor	Não. Porque se torna mais eficiente planejar sozinho.
E- Professor	Não, porque o excesso de aulas de muitos professores (...).
F- Professor	Sim, professores presentes nas formações.
G- Professor	Sim. A equipa realiza tudo que é possível na escola (...).
H- Professor	Não. Muitos apresentam dificuldades na logística de horário e locomoção (...)
DIRETOR	Não, Porque nunca combinam os horários dos colegas.
COORDENADOR	Poucos participam, sendo algo necessário à melhorar (...)

Consideramos essa uma das perguntas mais importantes da pesquisa, principalmente por entendermos indispensável a presença de todos no momento destinado ao planeamento. Mediante as respostas percebemos que mais de cinquenta por cento, necessitam se ausentar deste momento, porém há um entendimento por todos os inqueridos que é muito importante planear.

Quadro 06: Questão 08 - Há participação dos educadores da sua escola na construção do Planeamento Pedagógico?

SIM	10
NÃO	0

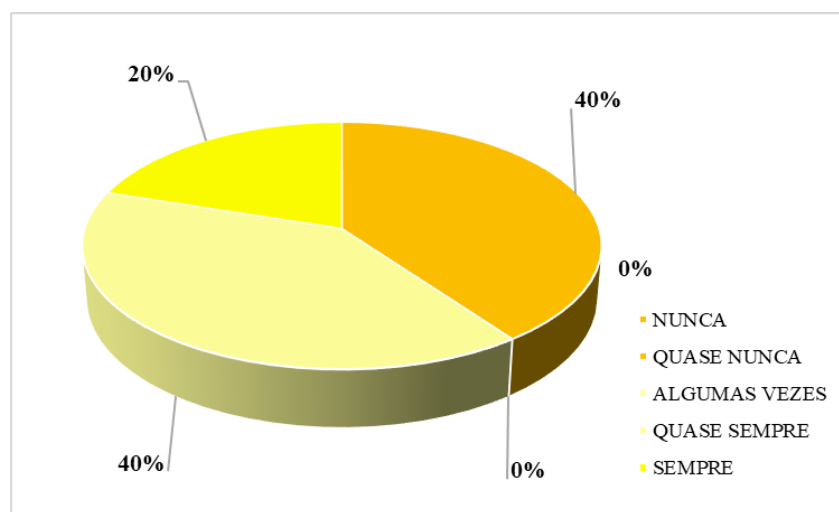
Tabela 10: Questão: 8.1. Descreva como se dá essa participação.

INICIAIS / PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Percebo que na escola os educadores se fazem presentes (...).
B- Professor	Através de reunião.
C- Professor	Através, principalmente, dos encontros nos dias de Atividade Complementar (AC), (...).
D- Professor	Encontros periódicos com os coordenadores pedagógicos. (...)
E- Professor	Através de reunião de planeamento que são mensais
F- Professor	(...) os tempos de atividade complementar (AC), jornadas pedagógicas, reuniões com a gestão ao decorrer do ano lectivo
G- Professor	A partir de reuniões, construções de projetos e realização de atividades lúdicas e práticas;
H- Professor	Em reunião com o corpo docente (...)
DIRETOR	Com participação ativa, colaboração constante nas ações planejadas;
COORDENADOR	A participação ocorre parcialmente, seguindo o cronograma da Secretaria de Educação (...).

Acreditamos que para que um planeamento obtenha êxito durante o desenvolvimento da sua execução, ele deve ser construído por todos os envolvidos no

processo de ensino aprendizagem, principalmente, por todo o corpo docente na coletividade. (Padilha 2014, p. 78) ainda relata que é preciso [...] planejar coletivamente e sem hierarquia burocráticas [...]. É preciso que a socialização se dê de baixo para cima, num movimento dialético- interativo e comunicativo”. Neste quesito, na escola pesquisada a resposta foi unânime na afirmação da participação de todos, no que diz respeito aos presentes nos encontros de planeamento.

Gráfico 07: Questão 10 – Há o acompanhamento da coordenação pedagógica referente ao planeamento e a prática docente?



No que tange ao acompanhamento da coordenação pedagógica referente ao planeamento e a prática docente, 40% (4) dos participantes disseram que quase sempre há esse acompanhamento pela coordenação, já 40% (4) relataram não existir esse acompanhamento, e os 20% (2) dizem que sempre há esse acompanhamento.

Tabela 11: Questão 13 - Na sua opinião quais são as fragilidades existentes na realização do Planeamento pedagógico enquanto unidade escolar?

INICIAIS/ PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	Em muitas unidades não ocorre o acompanhamento.
B- Professor	Algumas vezes não pôr em prática o que foi planejado.
C- Professor	Não pude ainda perceber tais fragilidades.
D- Professor	Discussões desnecessárias; falta de foco (...).
E- Professor	Falta de tempo, (...).
F- Professor	A falta de estrutura da Escola, a falta de investimento para a realização de ações.
G- Professor	(...) a educação apresenta grande deficiência em relação ao acesso de novas tecnologias (...).
H- Professor	Falta de material adequado, assim como estrutura física defasada (...).
DIRETOR	Quando o profissional não é comprometido com suas atividades pedagógicas
COORDENADOR	O tempo do planeamento é limitado (...)

Neste aspeto, os entrevistados foram bastante divergentes uns dos outros, e cada um tinha seu ponto de vista diferente, porém os pontos salientados foram pertinentes e condizentes com a realidade enfrentada pela unidade escolar.

Tabela 12: Questão 19. Se preferir faça seu comentário sobre Planeamento Pedagógico, o qual não foi contemplado no questionário?

INICIAIS/ PROFISSIONAIS	RESPOSTAS
A – Professor	X
B- Professor	O planeamento é fundamental, quando organizado e feito de acordo com o que foi estabelecido;
C- Professor	X
D- Professor	É mais eficiente planejar sozinha. Perde-se menos tempo com questões irrelevantes.
E- Professor	X
F- Professor	X
G- Professor	X
H- Professor	X
DIRETOR	O maior trunfo de qualquer profissional da Educação, está no planeamento, porque se torna um norteador das suas atividades na sala de aula.
COORDENADOR	X

Apenas dois dos inqueridos (B e D) responderam, porém D nos surpreendeu quando salientou preferir planear só, visto que vários autores mediante a pesquisa ressaltaram a importância de se planear coletivamente

3.8 Discussão dos resultados

Neste tópico estão descritos os resultados gerais obtidos na investigação, passando da contextualização e caracterização do planeamento; assim como apresentar a importância do planeamento no cotidiano do docente da Escola Beija Flor, no município de Camaçari – Bahia Brasil.

Por seguinte, com intuito de buscar novas ferramentas para os problemas enfrentados pelas escolas, no que diz respeito às contribuições pedagógicas no que tange o Planeamento e as práticas utilizadas pelos docentes, e percebendo o que os docentes

pensam sobre o planeamento, faz-se necessário a apresentação de um projeto de formação.

Quanto ao alcance dos objetivos, comunicamos que, a respeito do primeiro objetivo específico, *analisar como os professores avaliam o Planeamento Pedagógico no cotidiano de suas aulas*, é notável, que apesar que eles não fazem muita diferenciação entre os diversos tipos de planeamento, situação constatada mediante as respostas da questão seis (6), eles compreendem que o planeamento está ligado a organização e sistematização para realização de uma determinada tarefa, nos deixando satisfeitas com o entendimento de cada um deles. Quanto ao factor deles não possuírem total compreensão acerca dos diversos tipos, não há grande importância nesse sentido, porque essa temática será contemplada na proposta de intervenção e também esse não conhecimento por parte dos educadores, não causa nenhum dano aos educandos.

No que diz respeito ao terceiro objetivo, *identificar como o planeamento poderá contribuir na produção de saberes dos educandos*. Foi comprovado que todos eles concordam que sim, mas que ainda existem alguns entraves que não os permitem por em prática o que realmente ficou planeado. É um aspeto preocupante visto que se contribui para aprendizado porque não pô-lo em prática? O que está sendo desenvolvido durante o desenvolvimento da *prática*, senão o que foi planeado? Concluímos que é um assunto que precisa ser debatido e repensando por parte dos educadores nas perspectivas de melhoria. Sem dúvida nenhuma, faremos amplas reflexões sobre esta questão na nossa proposta de intervenção.

Já o nosso quarto objetivo: *Verificar de que forma a Secretaria Municipal de Educação acompanha a construção e a realização do Planeamento Pedagógico das escolas*. Podemos perceber em nossa investigação que não só a Secretaria de Educação acompanha a realização dos planeamentos, como a escola também, todo esse acompanhamento, principalmente através da pessoa do coordenador pedagógico, conforme visto em algumas respostas dos entrevistados. Foi declarado que existe um encontro mensal em um lugar específico, conhecido como a “Casa do Saber”, onde em cada dia da semana, todos professores da mesma área de conhecimento (disciplina) se encontram para planejar coletivamente. Sendo esta uma forma de estar corpo a corpo com quem realmente faz a educação acontecer nas unidades escolares.

Para se ter um parâmetro dos resultados do trabalho docente é de *prática* realizar bimestralmente “Plantões Pedagógicos” para que cada coordenador possa apresentar seus resultados, por meio de exposição de gráficos de resultados, projetos exitosos, desafios encontrados, sugestões de melhoria do trabalho, tudo registados em forma de relatórios impressos e entregues a coordenação setorial.

Percebemos na investigação que esse é um aspeto que nem todos os docentes têm conhecimento, permitindo-nos nas entrelinhas que existe uma falha na comunicação por parte da gestão escolar. Salientamos que essa abordagem deverá ser contemplada na proposta de intervenção.

E por último, temos o objetivo: *Verificar a participação efetiva dos docentes na construção do Planeamento*. Gostaríamos de esclarecer que esta pergunta foi fundamentada devido as informações de alguns autores que relataram que alguns educadores se negavam a ir aos encontros de planeamento porque eles não tinham voz e que já vinha tudo estruturado da esfera do governo para ser cumprido dentro das escolas, é evidente que deve existir uma correlação com que está planeado no PME, mas na nossa experiência dentro da unidade escolar onde atuamos, não vimos desta forma, daí partiu a curiosidade de saber se em outras escolas aconteciam como alguns autores revelaram, e para nossa satisfação, todos os entrevistados responderam que sim, que eles colaboravam na construção do planeamento em consonância com a fala do diretor, mas nos parece que a coordenadora tem ressalvas em relação frequência dos colegas, considerando insatisfatória.

De acordo com as respostas no que diz respeito a frequência dos professores nos encontros de planeamento, alguns deles relataram a elevada carga horária, como justificação para suas ausências nos encontros. Nesse sentido, consideramos um tanto contraditório, todos eles percebem a importância do planeamento, a relevância que os mesmo tem para a construção dos saberes dos educandos, porém ainda se fazem ausentes neste dado momento.

Consideramos urgente repensar e dar novo sentido às atitudes, valorizando os encontros conquistados pela categoria e estabelecidos para a realização dos

planeamentos. Também se torna necessário refletir, no sentido de mudança positiva, as fragilidades citadas pelos professores. Mediante o apresentado não deixaremos de aplicar a nossa proposta intervenção de forma a plantar uma semente em cada um dos envolvidos na pesquisa, e que possamos todos juntos contribuir com a melhoria da qualidade da Educação.

4 Considerações Finais

Elaborar uma investigação com esta temática, foi instigante, por considerarmos que o planeamento pedagógico é um assunto controverso para muitos professores, principalmente por ser um dos maiores desafios das coordenações, sejam elas das unidades escolares ou setoriais. Conseguir que todos os educadores participem deste momento, foi um desafio e o resultado foi o esperado, uma vez que todos os participantes, foram unânimes em suas respostas sobre a sua importância, mas o que ficou evidenciado foi que embora todos consideraram a importância de planejar, nem todos planejavam.

Nesse processo de busca, foi interessante compreender a evolução histórica e a sua ligação com a visão política dos governos em funções. Foi possível constatar o porquê das resistências, das objeções por parte da maioria dos profissionais desta área no referido município. Foi percebido que desde seu início, infelizmente o planeamento foi introduzido nas escolas como meio de fiscalizar e controlar a todos que lá estavam. É compreensível que ainda exista essa aversão para esta abordagem, pois não é prazeroso para ninguém ser obrigado a construir algo ao qual não deêm o devido prestígio e apenas por uma punição, podemos assim dizer. Essa era a concepção do planeamento e ainda o é, o qual na verdade deveria ser visto como um instrumento potencializador das ações do educador na sua *práxis pedagógica*.

Contudo, em se tratando das mudanças ideológicas, essas interpretações iniciais ficaram para trás, não condizendo com o momento atual. Hoje em dia, depois da reestruturação educacional, novas exigências foram feitas para atuar nesta função, não cabendo mais ao Estado indicar quem o interessava para assumir esse papel dentro das escolas. Agora como foi dito anteriormente, é necessário possuir uma graduação na área de pedagogia, ter no mínimo três anos na docência e passar em um concurso público e este profissional deve possuir um perfil muito diferente daquele de outrora. Vale ressaltar

que, no Estado da Bahia esse concurso só passou a existir no ano 2005, com a nomenclatura de Especialista em Educação e que a partir de 2009, que passou a usar o nome de Coordenador Pedagógico nos editais para concurso.

O papel do coordenador pedagógico agora ocupa novos espaços no interior da organização escolar, foi dado um novo significado às suas atribuições e ao contrário do que alguns ainda possam imaginar, ele é um aliado forte do professor no processo ensino aprendizagem, conforme foi visto ao longo deste trabalho.

A pesquisa também nos ajudou a compreender que, quando nos referimos a planeamento no contexto educacional, não devemos reduzi-lo a um plano ou roteiro da aula seguinte, pois é uma vertente muito mais abrangente e complexa. nos reportamos a planeamento o processo educativo como um todo e, como foi visto no primeiro capítulo, envolve currículo, recursos, formação continuada, valorização profissional, avaliação. O que significa que exige muito tempo, articulação entre os diferentes elementos da comunidade educativa e das orientações nacionais, municipais, estaduais e locais.

Assim, consideramos importante salientar que de acordo com o que foi identificado na pesquisa bibliográfica, existem vários tipos de planeamento, são eles: Planeamento Educacional; Planeamento Curricular: Planeamento de Ensino: Planeamento de Curso: Planeamento Escolar e que em articulação a estes, existe o plano de aula. Independentemente qual seja, todos são importantes, visando a melhoria do processo ensino aprendizagem, consequentemente, da educação.

Durante todo esse processo de planeamento, e tendo em conta o cruzamento da pesquisa bibliográfica com as respostas dadas ao questionário, verificamos que a presença do coordenador pedagógico é fundamental, é ele que exerce o papel de mediador entre toda a equipa da gestão, de fora ou de dentro escola, junto ao corpo docente, sendo ele um profissional capaz de organizar o funcionamento da escola e desenvolver o trabalho pedagógico, motivando a todos o corpo pedagógico nas construções e realizações das suas práticas e além disso é um responsável no que tange as formações continuadas condizentes com as temáticas específicas do processo ensino aprendizagem. Pois é notório o quanto a formação é importante na vida de qualquer profissional, independente

da área que atue. É um processo renovador da função, impossibilitando que este se torne obsoleto.

Em se tratando do acompanhamento das escolas e Secretaria de Educação no que diz respeito ao planeamento e conseqüentemente, as ações desenvolvidas dentro das unidades, ambos possuem papéis importantes, precisando reservar momentos para averiguar como se deu o andamento das atividades, se houve êxitos ou não, quais foram os desafios encontrados, quais serão as estratégias na superação dos obstáculos. Geralmente esses são encontros que acontecem ao final de cada bimestre, entre o corpo diretivo da escola e seus funcionários e entre a coordenação e Secretaria de Educação. Cada um em seu momento previamente agendado.

Enfim, de um modo geral, consideramos muito valioso esse processo investigativo, podemos dizer que adquirimos novos conhecimentos sobre abordagem em si, mas ficou muito claro que há muito que aprender e buscar para complementar a pesquisa. Há uma necessidade de aprofundamento na temática e o aumento dos participantes para que possamos de forma completa, investigar a importância do planeamento para os educadores. A investigação foi relevante, a qual nos impulsionou a refletir a nossa atuação enquanto coordenação pedagógica, mediante a fala de cada um dos entrevistados, principalmente por perceber as necessidades de cada um no cumprimento de suas atribuições. Esperamos por em prática o “Projeto de Intervenção”, o qual propomos uma “Formação Continuada” sobre a temática investigada para todos aqueles que fizeram parte desta pesquisa.

É na interação entre os pares que possamos contribuir com o avanço do planeamento ao discutirmos as nossas experiências, fazendo com que os profissionais da educação se tornem sujeitos de suas histórias, e mais responsáveis pelo seu trabalho para que possam contribuir com a formação de um mundo melhor.

5. REFERÊNCIAS

- Abrucio, F. L. (2016). Formação de professores no Brasil : diagnóstico, agenda de políticas e estratégias / para a mudança, coordenação. – São Paulo: Moderna
- Agnes, R. (2017). Mito da caverna de Platão: O mito da caverna é uma alegoria clássica de Platão que trata a questão do conhecimento e da ignorância Revista de Filosofia Estudo Prático. São Paulo. Disponível em:<<https://www.estudopratico.com.br/mito-da-caverna-de-platao/>>. [Consultado em: 14/10/2017].
- Almeida, L. R.; Placco, V.M.N.S.(2010). *O coordenador pedagógico e o espaço da mudança*. São Paulo: Edições Loyola.
- Araújo, T. J; Gomes, A.J.G. (2006). *Organização Do Sistema Educacional Brasileiro: Um Olhar Dos Alunos Dos Cursos De Licenciatura Da UFPI*. Universidade Federal de Piauí: Piauí. Disponível em:<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt5/GT5_2006_04.PDF>. [Consultado em: 14/10/2017].
- Assmann, H. (2012). Reencantar a educação: rumo a sociedade aprendente.. Petropolis, RJ: Vozes.
- Azevedo, F. de. (2010). Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores (1959). Coleção Educadores - MEC. Brasília: Massangana.
- Brasil. LDB (1996). Lei nº 9 394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes de bases da educação nacional. Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dez.
- Brasil. PCN (1997). *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. Constituição (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Diário Oficial. Brasília. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. [Consultado em 05 de novembro de 2017].
- Brasil. PCN (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: SEESP.
- Campos, R. (2017) *A Luta dos Trabalhadores pela Escola*. Dissertação de Mestrado, UFMG-FE, Belo Horizonte.
- Cesar, P. (2011). *Educação por Paulo Cesar*. Blog de Educação. Disponível em: <<http://pcpceduca.blogspot.com.br/2011/09/concepcoes-de-planejamento-educacional.html>>. [Consultado em 14 de outubro de 2017].

- Charoux, O. (2006). *Metodologia: processo de produção, registro*. São Paulo: DVS editora.
- Chimentão, L. K. (2010) O Significado da Formação Continuada Docente. Congresso Norte Paranaense de Educação Física. Disponível em:< <http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigocomoral2.pdf>> [Consultado em 24 de outubro de 2017].
- Creswell, J.W. (2010). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativos e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Dicionário Básico da Língua Portuguesa. (2012). Porto Editora: Portugal.
- Dowbor, F. F. (2008). *Quem educa marca o corpo do outro*. São Paulo: Cortez.
- Evangelista, A. L.; Monteiro, A. G.(2010). *Treinamento Funcional: Uma abordagem prática*. São Paulo, SP: Phorte.
- Faria, A. Nogueira de. (1994). *Introdução à Administração*. Rio de Janeiro: Rio Fundo.
- Faria, J. C. (1994). *Administração – Introdução ao Estudo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Fazenda, I. C. (2005). *Práticas Interdisciplinares na Escola*. São Paulo: Cortez.
- Ferreira, E. B; Oliveira, D. A. 2009). (Orgs.). *Crise da escola e políticas educativas*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Fernandes, F. S. (2006). *Planejamento Educacional: conceitos, definições e mudanças*. Recompilando e relendo as concepções latino-americanas da década de 1980 e início de 1990. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP.
- Filho, F. J. L. M. (1994). *Supervisão: Uma análise crítica das críticas*. *Coletânea vida na escola: os caminhos e o saber coletivo*. Belo Horizonte, pp. 42-49, maio.
- Freire, P. (2008). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Martins Fontes Paulista.
- Gadotti, M. (1995). *Educação e Compromisso*. Edição Campinas, São Paulo.
- Gabriel, G. L. (2011). *Narrativa autobiográfica como prática de formação e de atualização de si: os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente*. Curitiba, PR: CRV.
- Gandin, D. (2014). *Planejamento como prática educativa*. São Paulo: Edições Loyola.

- Gentili, P. (2010). Adeus à Escola Pública – A desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias. In: GENTILI, Pablo. *Pedagogia da Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis, Rj: Vozes.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo : Atlas.
- Guimarães, A. A. et al. (1998). *O coordenador pedagógico e a educação continuada*. São Paulo: Edições Loyola.
- Hamze, A. (2017). O Professor E O Mundo Contemporâneo. *Revista Brasil Escola*. Disponível em:< <http://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/professor-mundo.htm>>. [Consultado em 24 de outubro de 2017].
- Holanda, A.N.C.(1997). Avaliação de políticas públicas : conceitos básicos, o caso do ProInfo e a experiência brasileira1. VIII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Panamá. Disponível em: <<http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/CLAD/clad0047614.pdf>>. [Consultado em 24 de outubro de 2017].
- Horta, J. S. B. (1997). *Plano Nacional de Educação: da Tecocracia à Participação Democrática*. In: CURY, Carlos Roberto Jamil (org.). *Medo à Liberdade e Compromisso Democrático: LDB e Plano Nacional da Educação*. São Paulo: Editora do Brasil.
- Kuenzer, A. Z. (2009). *Planejamento e educação no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Kuenzer, A. Z. (2009). O ensino médio no plano nacional de educação 2011-2020: superando a década perdida? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 112, pp. 851-873.
- Libâneo, J. C. (2005). *Educação escolar, políticas, estruturas e organização*. SP: Cortez.
- Lima, R. (2017). *A escola que temos e a escola que queremos*. Lisboa: Manuscrito.
- Lück, H. (2008a). *Ação integrada - administração, supervisão e orientação educacional*. Belo Horizonte: Vozes.
- Luckesi, C.C. (2006). *Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições*. São Paulo: Cortez.
- Macêdo, S. A. S. et al. (2012). *Planejamento e Gestão Estratégica: Um Estudo Sobre Adoção E Práticas Em Indústrias Do Rio Grande Do Norte*. *Revista Eletrônica Sistemas e Gestão*. Volume 7. Disponível em:<http://www.revistasg.uff.br/index.php/sg/article/viewFile/V7N1A4/V7N1A4> [Consultado em: 14/10/2017]
- Menezes, J. G. de C. (1977). *Princípios e Métodos de Inspeção Escolar*, São Paulo, Saraiva.

- Menegolla M. ; Sant'anna, I. M. (2008). *Por que Planejar? Como Planejar?* Petrópolis: RJ, Vozes.
- Menegolla M.; Sant'anna, I. M. (2014). *Por que Planejar? Como Planejar?* Petrópolis: RJ, Vozes.
- Mendes, V. A. (2012). A sociedade civil em Hegel e Marx Civil society in Hegel and Marx . *Revista Emancipação*, Ponta Grossa, 12(2): 235-252, 2012. Disponível em :<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/1939/3292>> [Consultado em 25 de dezembro de 2017].
- Moretto, V. P. (2007). *Planejamento. Planejando a educação para o desenvolvimento de competências*. Petrópolis: Vozes.
- Orsolon, L. A. M. (2006). *O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola*. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho. PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. *O Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança*. São Paulo: Loyola.
- Padial, K. (2015). 7 Ações para examinar o trabalho escolar. *Revista Gestão Escolar*. Disponível em:< <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/16/7-acoes-para-examinar-o-trabalho-escolar>>. [Consultado em 04 de janeiro de 2018].
- Padilha, P. R. (2017). *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez.
- Prodanov, E. C. de F. (2013). Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale,
- Parente, J. F. (2011). *Planejamento estratégico da educação*. Brasília: Plano Editora.
- Parra, N. (1972). Planejamento de Currículo. *Revista Escola*. n. 5, p. 6.
- Peña, M. C. C. (2011). *Planejamento estratégico na empresa Gel Chopp*. 2008. 55f. *Trabalho de conclusão de curso*. Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- PNE SOCIEDADE. (1997). *Plano Nacional de Educação*. A proposta da sociedade brasileira. Consolidado na Plenária de Encerramento do II CONED - Congresso Nacional de Educação: Brasília.
- Ribeiro, V. N. C. (2010). *Planejamento Educacional: Organização de Estratégias e Superação de Rotinas ou Protocolo*. Faculdade Atenas de Paracatu, Minas Gerais. Disponível em:< <http://www.difdo.diren.prograd.ufu.br/Documentos/Texto2-Planejamento-Educacional.pdf>
- Rodrigues, R. L. (2012). *Gestão da escola pública: desafios e perspectivas do processo de democratização da educação brasileira*. Juiz de Fora: UFJF.

Rosa, A. S; Santana, M.A. (2013). A importância do supervisor pedagógico na organização escolar. *Revista Perquirere*, 10(2): 46-58, dez. Centro Universitário de Patos de Minas: Minas Gerais. Disponível em:<<http://perquirere.unipam.edu.br/documents/23456/192396/A++import%C3%A2ncia+do+supervisor+pedag%C3%B3gico.pdf>>. [Consultado em: 14/10/2017].

Sant'Anna, F. M et al. (1995). *Planejamento de ensino e avaliação*. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto.

Santos, M. L; Perin, C. S. B.(2013). *A Importância do Planejamento de Ensino para o Bom Desempenho do Professor em Sala de aula*. governo do estado do paraná. Disponível em:http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fafipa_ped_artigo_maria_lucia_dos_santos.pdf [Consultado em: 14/10/2017].

Severino, A. J. (2016). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez.

Vasconcellos, C. S. (1995). *Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo*. São Paulo: Libertad.

Vieira, S. L. (org.). (2002) *Gestão da escola: desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP e A.

Vieira, S. L; Albuquerque, M. G. M. (2002). *Política e planejamento educacional*. Revista e modificada. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.

Williams, R. (1992). *Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Fundamentals of education planning: presentation. In: COOMBS, P. What is the educational planning. Belgium: Unesco; IPE, 1970. (Fundamental of Education Planning Series; 1).

ANEXOS

ANEXO 01 – SOLICITAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO

PLANEAMENTO COMO FERRAMENTA EFICAZ NO DESENVOLVIMENTO DA PRÁXIS
PEDAGÓGICA

ANEXO 2 – SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO



SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO

Ex-ma/Sr. Diretor

E. E.

Assunto: Solicitação de autorização para a investigação na Escola Alberto Brandão

O meu nome é Lucinéa Pereira da Silva, Graduada em Pedagogia com Habilitação em Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e Supervisão na Escola e na Empresa, encontro-me a frequentar o 2.º ano de Mestrado em Docência e Gestão da Educação na Universidade Fernando Pessoa sob coordenação da Professora Doutora Ana Paula Antunes Alves. O segundo ano do mestrado é constituído pela dissertação, sendo que irei desenvolver o seguinte tema *“Planeamento Pedagógico como Ferramenta Eficaz na Práxis Pedagógica”*. o qual está sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Antunes da Universidade Fernando Pessoa.

Atendendo a que solicitação da Comissão de Ética da UFP, venho por este meio deste, solicitar a sua autorização para começar o processo investigativo que tem como objetivo, compreender a importância do planeamento no cotidiano do docente desta unidade escolar.

Mais informo que guardaremos o sigilo referente a todos os envolvidos na amostra, bem como o respeito à ética que permeia na reunião das informações dadas pela entrevista.

Agradeço desde já a melhor atenção que possa dar a este assunto e encontro-me disponível para prestar os esclarecimentos que entenda necessários, deixando assim o meu contacto telefónico (+5571 (36217522) 71 993037428).

Os meus melhores cumprimentos, Lucinéa Pereira da Silva


Veneranda Evangelista da Oliveira
Aut. CME n.º 43/15
Vice-Diretora

ANEXO 02 -**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da investigação sobre *“Planeamento Pedagógico como Ferramenta Eficaz na Práxis Pedagógica”*, de responsabilidade da pesquisadora Lucinéa Pereira da Silva. O participante foi informado (a) de forma clara e detalhada sobre os objetivos e a justificativa da pesquisa que busca “Compreender a importância do planejamento no cotidiano do docente”. A sua participação na pesquisa ocorrerá em encontros semanais, entre os meses outubro, novembro e dezembro de 2017.

Ele tem conhecimento de que responderá ao guião de perguntas preestabelecidas sobre os objetivos propostos na investigação. O participante receberá resposta a qualquer dúvida sobre essa investigação, além de outros assuntos relacionados à pesquisa. Também foi lhe informado que a avaliação ocorrerá com a monitorização constante do(s) pesquisador(es), sendo o procedimento interrompido ante qualquer intercorrência adversa. Não haverá nenhum desconforto psicológico ou risco na sua participação na pesquisa.

O participante compreendeu que os benefícios que serão proporcionados à sociedade educacional do município, e o mesmo terá a garantia de receber todos os esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa e poderá ter acesso aos dados em qualquer etapa do estudo. Também não haverá nenhuma despesa, ficando as custas por conta do (s) pesquisador (es).

Concorda com a divulgação dos dados obtidos durante a pesquisa, bem como entende que não será identificado e que se manterá o caráter sigiloso das informações. Também sabe que os dados obtidos serão arquivados e, futuramente, a pesquisa, se possível, publicada para fornecer aos profissionais os dados mensurados. Sabe que terá total liberdade para retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem que isso traga prejuízos ou implicações.

Caso tenha dúvidas sobre o comportamento do pesquisador ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considerar prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, pode entrar em contato com o (a) pesquisadora (+557136217522 (+5571993037428).

Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).

Cidade, _____ de _____ de _____.

Nome legível do participante

Assinatura do(a) participante

Lucinéa Pereira da Silva

Assinatura do pesquisador(a)

ANEXO 03 - **DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO
INFORMADO**

***“PLANEAMENTO COMO FERRAMENTA EFICAZ NO DESENVOLVIMENTO
DA PRÁXIS PEDAGÓGICA”.***

Eu, abaixo-assinado (nome completo) _____,
compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação,
que tem como metodologia mista, que buscará: Compreender a importância do
planeamento para o corpo docente na referida escola.

Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive
resposta satisfatória. Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi
prestada versou os objectivos e os métodos de investigação se pautarão em um Guião de
perguntas que será anexado científico. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito
de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito
qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registros em suporte papel e/ou digital (sonoro e de
imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa,
sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.
Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/_____/20____

Assinatura do Responsável pelo participante no projecto: _____
O Investigador responsável: Lucinéa Pereira Silva

Nome: _____
Assinatura: _____

ANEXO 04 – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Lucinéa Pereira da Silva

**GUIÃO DE PERGUNTAS PARA OS PROFESSORES
/COORDENADOR/ DIRETOR /DA ESCOLA MUNICIPAL**

**TEMA: “PLANEAMENTO COMO FERRAMENTA
EFICAZ NO DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA”**

Normas da Pesquisa Académica

- 1) A presente pesquisa visa fins unicamente académicos, não sendo a mesma realizada para fins de pesquisa de mercado ou afins;
- 2) O (A) participante deverá participar dessa pesquisa por livre e espontânea vontade. Qualquer tipo de coação, se descoberta posteriormente, invalidará automaticamente a mesma;
- 3) O resultado da pesquisa estará à disposição dos entrevistados para uma posterior consulta no centro académico da referida instituição;

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UFP

Este questionário tem como finalidade ajudar a compreender como se processa o planeamento pedagógico. O mesmo será utilizado exclusivamente para fins académicos e como parte de Pesquisa em um Mestrado em Docência e Gestão na Educação da Universidade Fernando Pessoa. O anonimato e a confidencialidade das informações prestadas estão garantidos. O preenchimento é feito assinalando a alternativa escolhida e explicando-a sempre que for necessário.

1ª Parte – Dados sociodemográficos – Professores/ Coordenadores

Iniciais: _____

1 – Idade

- ≤20
- 21 – 25
- 26 – 30
- 31 – 35
- 36 – 40
- ≥41

2 – Género

- Masculino
- Feminino

3 – Qual é o seu Estado Civil?

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Divorciado (a)/ Separado (a)
- Viúvo (a)
- Outro: _____

4 – Qual é a sua formação académica? _____

5 – Tempo de atividades na Educação?

- Menos de 1 ano
- Entre 1 a 3 anos.
- Entre 3 a 5 anos.
- Entre 5 a 10 anos
- Mais de 10 ano

2ª Parte – Planeamento Pedagógico da Escola

6 – O que você entende por Planeamento no contexto educacional?

7 – Você considera suficiente o tempo dedicado o ato de planear? Por quê?

8 – Há participação dos educadores da sua escola na construção do Planeamento Pedagógico?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 8.1

8.1. Descreva como se dá essa participação.

9 – Há a aplicação do Planeamento Pedagógico na prática do ensino aprendido?

Nunca	
Quase Nunca	
Algumas Vezes	
Quase sempre	
Sempre	

10 – Há o acompanhamento da coordenação referente ao planeamento e a prática docente?

Nunca	
Quase Nunca	
Algumas Vezes	
Quase sempre	
Sempre	

11 – Você considera o planejamento pedagógico importante na sua vida profissional?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 11.1

11.1. Como você considera essa importância/necessidade profissional?

12 – O Planejamento contribui com o sucesso do aprendizado do aluno?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 12.1

12.1. Como você percebe esse sucesso?

13 - Na sua opinião quais são as fragilidades existentes na realização do Planejamento pedagógico enquanto unidade escolar?

14 - Na sua opinião quais são as fragilidades existentes na realização do Planejamento pedagógico enquanto coordenação setorial (oriundo da Secretaria de Educação)?

15 – A Secretaria de Educação acompanha a realização dos planejamentos pedagógicos nas unidades escolares?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 15.1

15.1. Como é feito este acompanhamento?

16 – A Secretaria de Educação fornece recursos materiais para a realização dos planejamentos pedagógicos nas unidades escolares?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 17.1

16.1. Quais recursos?

17 – A Secretaria de Educação realiza planejamentos pedagógicos, os quais possam contemplar toda a rede municipal?

SIM	
NÃO	

Se respondeu afirmativamente, por favor continue na questão 18.1

17.1. De que forma são realizados esses planejamentos?

18- Na sua opinião, a frequência dos professores está satisfatória no momento disponibilizado para realizar o Planejamento coletivo? Justifique.

19 – Se preferir faça seu comentário sobre Planeamento Pedagógico,o qual não foi contemplado no questionário.

ANEXO 05 – FOTOGRAFIAS DA ESCOLA

Figura 01: Localização Geográfica do município de Camaçari



Fonte: Google maps.

Figura 02: Fachada da Escola



Figura 03: Interior da Escola



Figura 04: Pátio Aberto



Figura 05: Espaço dos Corredores



Figura 06: Sala de Aula e Laboratório de Informática

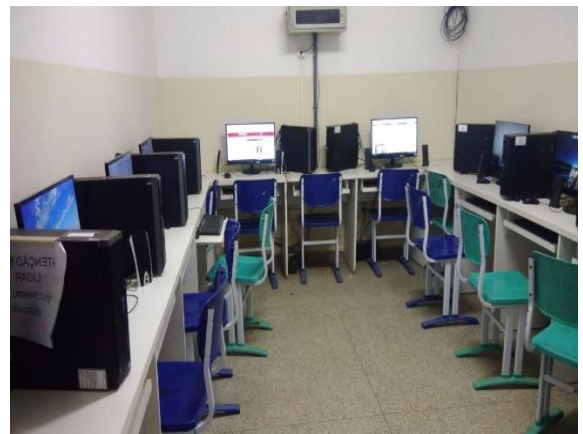


Figura 07: Secretaria e Corredor da Gestão

